

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LAGES 1940 DISCURSOS E REMODELAÇÕES URBANAS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito para a
Obtenção do título de Mestre, sob a
Orientação : Prof^o Elio Cantalício Serpa

SILMARA LUCIANE MIRANDA

FLORIANÓPOLIS
2001

AGRADECIMENTOS

Muitos e muitas foram os que me ajudaram no decorrer desta pesquisa.

Sem querer esquecer alguém, desejo agradecer a todos que contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

Aos meus pais pelos ensinamentos, por serem meu ponto de partida.

A Nana, Zilma e Iáscara pela amizade, pelas trocas, pelos diálogos

A Rosane Neckel Kupka pelo carinho, orientação e estímulo.

Ao professor Élio Cantalício Serpa, pela paciência e orientação.

Ao Humberto e ao Caetano por compreenderem “aqueles momentos”.

Às pessoas que me emprestaram suas memórias e sem as quais, não poderia ter levantado os aspectos analisados.

Obrigada a todos, cada página escrita teve muito do carinho e da amizade de vocês.

Resumo

Todo viajante que se aproxima de Lages, avista ao longe a cidade, extensa multicultural, diversificada étnica e economicamente, em cada entrada de acesso nesta cidade, contudo pode se deparar com uma cidade específica, singular, cada bairro que se constituiu em uma porta de entrada para a cidade, apresenta uma história particular, um ponto de partida que une seus moradores migrantes que vieram buscar em Lages suas perspectivas de futuro, assim, é comum encontrar em cada bairro da cidade uma trajetória feita por seus moradores. Essa especificidade dos bairros que formam a cidade de Lages, contribui para a compreensão das suas características sociais, culturais, e históricas.

Lages apresentou partir da década de 40 um significativo crescimento urbano e populacional, é possível constatar que entre as décadas de 40 a 60 a cidade triplicou sua população.

A historiografia oficial sobre a cidade ao abordar suas transformações sempre procurou privilegiar versões do passado, promovendo personagens da vida política que participaram daquele momento. Mesmas as propostas que pretenderam perceber outros sujeitos nas relações da cidade, reforçaram a economia madeireira como sendo o agente civilizador da cidade.

Ao longo de sua história a cidade de Lages foi por diversas vezes remodelada, embelezada, higienizada, sendo estes aspectos definidos através dos discursos dos jornais e das práticas dos administradores, como sinais de modernidade e progresso. Desta forma procuraram imprimir na cidade suas aspirações, seus desejos, suas marcas, seus códigos e símbolos.

INTRODUÇÃO

Por onde entrar numa cidade? Como conhecê-la e interpretá-la? Qual porta é o melhor acesso para se entrar numa cidade? Através das memórias? Da sua arquitetura e símbolos? Ou ainda, através das personagens da vida pública? Aqueles que contribuíram para modificar a cidade, interpretando e projetando nela seus gostos, desejos e visões de mundo? Ou então, através do olhar daqueles que não estavam nos gabinetes mas sim, nas praças, ruas e esquinas a melhor entrada.

Stela Bresciani¹ oferece sete portas conceituais, para que se possa adentrar numa cidade, embora todas as portas trabalhadas pela autora sejam instigações. A historiadora fala da quarta porta, descrita por ela como a “*porta das mudanças de sensibilidades*”. Segundo Bresciani, na medida em que as cidades vão se modificando os seus moradores também passam por um processo de reeducação dos sentidos, aprimorando e aguçando suas sensibilidades, estabelecendo uma nova relação com o lugar que vivem.

Se os cheiros da cidade que modificaram, as praças foram remodeladas, o movimento nas calçadas chama atenção, o olhar mais atento não permite que nada passe sem sua observação (tendo o cuidado de descrevê-las). Esta porta ajuda a interpretar as mudanças ocorridas na cidade, a maneira como os moradores vão percebendo as modificações implantadas no lugar onde vivem.

¹ Bresciani, Stela. AS SETE PORTAS DA CIDADE.

Foi pensando Lages a partir das portas conceituais de Bresciani e através das páginas dos jornais, a percorrer a cidade, estas páginas transportaram-me pelos becos e ruas da cidade. Ruas sem pavimentação, sem calçadas, ruas que eram de trabalho, mas também de lazer. Ruas que ofereciam status e ruas que desqualificavam. Páginas e colunas também conduziram-me às praças, espaços de socialização, de jogos, de comícios, de memórias. Em outras páginas são os cafés que são apresentados como locais de encontros e desencontros, estes cafés com uma clientela diversificada, se constituíam em espaços também de convívio de amizade, de boas recordações. Em alguns momentos os jornais demonstram que existiam outros espaços de socialização na cidade, são os clubes, as festas particulares, são também, as novas construções motivos de crônicas e elogios.

As descrições dos jornais, apresentavam uma cidade que estava sendo construída, na mesma medida que estava sendo idealizada. As páginas dos jornais se apresentaram como uma “porta de entrada” para se compreender Lages, sendo também uma importante fonte de pesquisa histórica.

Através dos jornais, das leis municipais, e das memórias de pessoas foi possível compreender as transformações desta cidade.

Lages é uma cidade multicultural, diversificada étnica e economicamente, na sua geografia em cada entrada de acesso nesta cidade, pode-se deparar com uma cidade específica, singular, cada bairro, apresenta uma história particular, um ponto de partida que une seus moradores migrantes que vieram buscar em Lages suas perspectivas de futuro.

Foi a partir da década de 40 que Lages apresentou um significativo crescimento urbano e populacional, analisando quadros estatísticos do IBGE² é possível constatar que entre as décadas de 40 a 60 a cidade triplicou sua população.

A historiografia tradicional sobre a cidade de Lages ao abordar suas transformações sempre procurou privilegiar versões do passado, promovendo personagens da vida política que participaram daquele momento. Mesmo as propostas que pretenderam perceber outros sujeitos nas relações da cidade, reforçaram a economia madeireira como sendo o agente civilizador da cidade.

É importante oferecer para discussão sobre a história de Lages, um outro enfoque que procure interpretar os porquês e os como, foram constituindo a cidade, no sentido de entender por que Lages tem estas características culturais? Por que é homogeneizada à identidade gaúcha para os lageanos? Como foram emaranhadas as relações entre os sujeitos sociais que moravam em Lages na década de 40? Estas intenções pretendem se colocar numa perspectiva que considere a dinâmica social vivenciada, os movimentos cotidianos, as redes de relações, os fazeres da cidade, que permitiram que a cidade se construísse e se transformasse.

O interesse em estudar o processo de urbanização de Lages, partiu de um trabalho de pesquisa e montagem de um acervo documental sobre a cidade, este trabalho tinha como marco temporal as décadas de 30/40, momento em que Lages se constituía enquanto cidade, período que começavam a ser implantados maquinários urbanos, como pavimentação de ruas, redes de água e esgoto iluminação elétrica, remodelação de algumas praças, aspectos que ajudavam a redefinir uma nova configuração espacial, cultural e social para a cidade.

² Fonte: quadros do IBGE para as respectivas décadas.

Durante o tempo de desenvolvimento desta pesquisa, comecei a perceber que as transformações efetivadas pelas administrações municipais, transpareciam através dos jornais que circulavam em Lages, como símbolos de modernidade e progresso, demonstrando que as intervenções nos traçados de ruas e praças deveria resultar numa redefinição do uso desses espaços. Esta interpretação dos jornais, ajudou-me a perceber que embora Lages tivesse uma ligação muito próxima com o meio rural, os discursos produzidos pela imprensa pretendiam em alguns momentos diferenciá-la, distanciando e reinterpretando suas práticas cotidianas, muitas vezes constituindo sujeitos sociais e idealizando o novo morador da cidade.

Os discursos dos jornais idealizavam a cidade que desejavam constituir, idealizavam também as práticas de seus moradores, reinterpretavam e redefiniam seus espaços de convívio social e estabeleciam novos usos aos lugares públicos.

Numa tentativa de cruzar fontes históricas tento demonstrar através das falas de algumas pessoas, a cidade que ficou registrada em suas memórias. Pois, as lembranças vivenciadas possibilitam outras interpretações sobre a história.

Assim como os jornais e as memórias, as fotografias e leis também são reveladoras da dinâmica social vivenciada, a análise destas fontes possibilitou perceber como são construídas, selecionadas, inventadas memórias numa cidade.

Desta forma passei a tentar perceber essas produções de memórias através dos jornais, e através de alguns símbolos presentes ainda hoje nas praças da cidade. As administrações que governaram a cidade de Lages nem sempre se preocuparam em interferir na imagem da cidade, imprimindo nos projetos de urbanização suas vontades, seus desejos, elegendo

personagens, construindo uma memória urbana. A construção da memória urbana se dá simultaneamente à constituição do urbano, através da utilização e personificação de alguns personagens da vida política, econômica e social do município. São as personagens da vida política do município que vão ganhar a partir da década de 40 estátuas e bustos em praça pública.

Lages durante este período foi “maquiada” para representar na sua face urbana, em processo de constituição os sinais, as características propostas pelas administrações públicas que a governaram, sinais que pretendiam imprimir o que os seus governantes e as elites, compreendiam por “progresso”, “modernidade” e “desenvolvimento”.

Estas aspirações presentes nos discursos dos jornais e nas práticas administrativas, demonstram que a cidade foi utilizada pela administração pública, como espaço de disputas de interesses e de projeção de idéias, concretizados nas modificações nos seus traçados, de ruas, praças e esquinas.

Modificações que segundo os jornais pesquisados e as entrevistas realizadas, pretendiam não se limitar apenas ao espaço público, eram necessário formar o morador da cidade, através de colunas semanais davam-se conselhos de comportamento, etiqueta, condutas. Segundo a imprensa da época, era necessário apresentar os sinais de modernidade de progresso, não concebível para alguns grupos o convívio no cenário urbano, com aspectos e práticas que lembrassem o tradicional, o rural.

Ao mesmo tempo em que difundiam-se discursos idealizadores de progresso e modernidade, os comportamentos, as práticas cotidianas, eram idealizadas, redefinidas e vivenciadas por algumas famílias da elite, frequentar clubes, cafés, saraus literários eram os

distintivos de classe na cidade.

Lages constituiu-se naquele período em um espaço de disputa entre as elites econômicas e políticas do município. E também, como espaço de exteriorização de poder, de projeção de memórias, de normatização de condutas.

Embora as tentativas de urbanizar e transformar Lages em cidade, são anteriores a década de 40, quando por exemplo em 1929 o então prefeito Caetano Vieira da Costa sancionou a lei que criava o perímetro urbano da cidade, e no mesmo ano permitia a instalação na praça João Costa de mesas, móveis e cadeiras para a comercialização de bebidas, cafés e gelados, o que parece ter contribuído para a sociabilidade daquele lugar.

A década de 40 se apresenta como um marco na análise de urbanização de Lages, porque foi nesse período que intensificaram-se projetos de urbanização, como por exemplo vários loteamentos, pavimentação e abertura de ruas, uma nova delimitação do perímetro urbano.

Foi a partir desta década que o número de habitantes cresceu consideravelmente, visto que muitas famílias migraram para Lages para trabalharem nas madeireiras ou em empregos que garantiam a atividade extrativa como oficinas, fábricas de beneficiamento da madeira, lojas, desta forma contribuiu para o aumento dos bairros da cidade. Estes são fatores que contribuíram também para as mudanças significativas na vida urbana e cultural da cidade.

A cidade dos Cronistas

Contrapostos entre o urbano e o rural

*“Lages (com gê), tempo do carro de boi, dos postes com luz de querosene, dos cargueiros sonolentos, dos fios de barba-documento.
Lajes (com jota), cidade do trânsito vertiginoso e cheio de perigos, das luzes ofuscantes nas madrugadas frias: dos caminhões atropetados de pneus, de sacos de farinha, mercadorias de que outras praças carecem; dos lindos prédios com água encanada e telefone.
E quando o trem apitar nas coxilhas do antigo Conta Dinheiro, só contemplando velhas fotografias é que compreendemos quanto a Lajes moderna é diferente da velha Lages de Correia Pinto”.*³

A nota acima foi extraída do jornal Região Serrana de 1946, momento que se discutia na cidade a mudança ortográfica do seu nome, tal aspecto contribuiu para que o cronista pudesse fazer uma distinção entre o que ele chamou de *“as duas fases da sua vida,”*⁴ ou seja, uma cidade com características muito próximas do meio rural de uma cidade que apresentava mudanças .

Na década de 40 era comum os jornais relatarem o que consideravam como símbolos de modernidade, tais símbolos muitas vezes eram eleitos pelos próprios cronistas. Para alguns o moderno significava transformações na fisionomia da cidade, associados aos seus ícones como luzes, prédios, serviços de saneamento, pavimentação das ruas, circulação de mercadorias e pessoas.

Os jornais locais vão insistir em demonstrar que a cidade estava se modernizando, se modificando, o conceito de modernidade empregado pelos jornais merece ser discutido para que se possa compreender as *“mudanças”* efetivadas em Lages. Walter Benjamin ao analisar Paris no século XIX, levanta algumas reflexões sobre modernidade, que contribuem para a compreensão do termo empregada constantemente pelos jornais da cidade de Lages.

Para Walter Benjamin, *“o conceito de modernidade contém em si sua negação, que é o*

³ Jornal Região Serrana, 1946.

⁴ Jornal Região Serrana, 1946.

velho, por isso a necessidade de constantemente criar o “novo” que por sua vez se torna antiquado, com a mesma velocidade”.⁵ Desta forma, é possível entender o que os jornais estavam propondo como ícones de modernidade, percebendo seus aspectos transitórios, moderno segundo Benjamin é contribuir para acelerar o envelhecimento, por isso este autor afirmou que o moderno envelhece muito cedo, pois precisa ser substituído permanentemente. Esta abordagem contribui para analisar os discursos presentes nos jornais em Lages,

Para alguns cronistas a cidade estava “*carente de urbanidade*”⁶, sendo que deveria não só modificar os aspectos físicos, como também o comportamento das pessoas que vivam em Lages. Esta abordagem que analisa os espaços e seus moradores como um problema a ser resolvido pelo poder público é feita por Hermetes Reis do Araújo sobre o processo de urbanização de Florianópolis no início do século XX, este autor observa que , através dos jornais que circulavam na capital, apareciam “ manifestações em torno da remodelação da cidade e também de seus habitantes”⁷. Segundo Hermetes, os discursos dos jornais demonstravam que era necessário para os projetos de modernizar a capital, reeducar seus moradores, para que tivessem novas práticas e posturas diante das modificações sanitárias efetivadas em Florianópolis.

Embora evidentemente existam especificidades entre as cidades, certos aspectos descritos pelo autor acima, podem também serem observados em Lages, que iniciou seu processo de urbanização posterior a Capital do estado. Os jornais em Lages demonstravam que não bastava implantar certas melhorias no aspecto físico da cidade, era necessário seus moradores corresponderem através de seus comportamentos para as modificações propostas.

⁵ Witte, Bernd e Sergio Paulo Rouanet: POR QUE O MODERNO ENVELHECE TÃO RÁPIDO? Revista USP.nº 15

⁶ ARAÚJO, Hermetes Reis: A INVENÇÃO DO LITORAL: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República, PUC. São Paulo, 1989.

⁷ Idem.

A partir da 1940 os jornais passaram a apresentar uma certa “empolgação” pelas modificações que estavam ocorrendo na cidade, eram extremamente minuciosos e detalhistas em suas observações sobre a cidade, ganhavam espaços nas colunas dos semanários todo sinal que demonstrasse mudança:

“Difícil a rua que não se observa qualquer movimento que visa melhorar o seu aspecto. Aqui se reforma o calçamento, ali se constroem muros, acolá se plantam os meios fios para depois surgir os passeios que são tão necessários para os transeuntes, mormente em tempo de chuva.”⁸

Através desses registros os jornais se constituem como um documento sobre o passado da cidade, contudo, é importante lembrar que como observa Le Goff, “*O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.*”⁹ Como analisa este autor, os documentos que são guardados foram selecionados pretendendo deixar uma memória sobre uma época, sobre um grupo e sobre uma cidade, ou seja o que ficou registrado em alguns documentos, teve uma intencionalidade, os registros são necessários para que se perpetue a memória de alguns grupos.

Contudo, a compreensão das cidades não se limita apenas aos registros oficiais está associada também ao que é e foi vivenciado nas casas, nas praças, nas ruas, nos locais de trabalho e lazer, sendo este o aspecto que melhor apresenta uma cidade. Mesmo porque “*uma cidade não se faz apenas através de traços retos, praças, casas ou palacetes. O elemento humano é que dá vida a esse espaço*”¹⁰. É esse elemento que a descreve que a registra, mas que é também através dos jornais idealizado, não é somente a cidade que será sonhada e

⁸Jornal Correio Lageano, 1955.

⁹ Le Goff, Jacques. HISTÓRIA E MEMÓRIA, 4 ed. Campinas. SP: Ed. UNICAMP, 1996.

¹⁰Silveira, Anny. O Sonho de uma Petite Paris - Os cafés no cotidiano da capital. p.133.

desejada pelos cronistas, mas e principalmente as pessoas que farão ou não dela uma cidade moderna.

Através das descrições divulgadas nos jornais que circularam em Lages, é possível perceber uma cidade que foi se constituindo, muitas mudanças eram vistas com perplexidade, outras com entusiasmo, os cronistas que deixaram registrado nos jornais a memória destas transformações, precisaram enquadrar hábitos, maneiras de vestir, comportamentos e culturas, precisaram identificar, classificar, denunciar, aspectos do cotidiano que possibilitavam ou impediam os projetos de modernidade para a cidade.

Tais projetos possíveis de serem percebidos em Lages, se faziam presentes também, no restante do país, Nicolau Sevcenko por exemplo ao analisar a cidade de Rio de Janeiro se propõe “compreender tanto as mudanças provocadas pela introdução do uso de novas técnicas e modos de vida quanto os efeitos da construção dos mitos da modernidade e da cidade moderna na experiência pessoal de diferentes grupos da sociedade carioca.”¹¹ Pode ser também observado nos estudos sobre a urbanização de Belo Horizonte, Vera Chacham, Marcelina das Graças de Almeida, analisam como foram se constituindo discursos de modernidade a partir das remodelações urbanas realizadas naquela que seria a nova capital de Minas Gerais.¹²

Idealizar o novo morador da cidade que estava se modificando parecia ser prática comum, não sendo uma característica apenas de Lages. Os discursos modernizantes, propunham uma nova configuração espacial para as cidades, bem como para seus habitantes, fazia parte da política de desenvolvimento implantada pelo presidente Getúlio Vargas e este

¹¹ SEVCENKO, Nicolau: A CAPITAL IRRADIANTE: TÉCNICA, RITMO E RITOS DO RIO. In HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Companhia das Letras. São Paulo. 1998 v.3.

¹² Dutra, Eliana de Freitas/org: BH horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996

modelo podia ser percebido nos discursos introduzidos na imprensa local, correspondia a estes projetos uma concepção dualista de sociedade “*além da oposição campo-cidade, referida à dualidade tradicional-moderno, verifica-se, ainda, uma oposição no interior das cidades entre os ‘integrados’ e os ‘marginais’*”.¹³

Para os “marginais” era necessário fundar instituições que os atendessem, tirando-os das ruas, do convívio social, daí serem fundados os Asilos de Assistência aos Necessitados, a ALAM (Associação de Apoio ao Menor),

Entre os anos de 1930 e 1945 Santa Catarina foi administrada por Nereu Ramos, seu governo segundo Cynthia Campos, se caracterizou por desenvolver projetos de controle e normatização de condutas, tais projetos faziam parte da política administrativa do Estado Novo, implantado no Brasil por Getúlio Vargas, tinham como finalidade limpar as ruas da presença dos indesejados sociais, fazendo com que cada morador da cidade fosse disciplinado para o trabalho.

No período que centrei esta pesquisa havia quatro jornais que circulavam em Lages, o Guia Serrano fundado em 1936, o Região Serrana a partir de 1937, o Jornal da Serra a partir de 1951 e o Correio Lageano fundado em 1924 e relançado em 1939 e retomado em 1951.

Estes jornais se constituíram também como porta-vozes de interesses político partidários. Dependendo a que partido pertencia o prefeito, principalmente os jornais Região Serrana e o Jornal da Serra que tiveram uma circulação mais efêmera se posicionavam favoráveis ou contrários às medidas administrativas. O Jornal Região Serrana representava os interesses dos partidários da UDN. “*Este jornal pertencia a Aristiliano Ramos, filho de*

8 Jornal da Região Serrana.

*Belisário Ramos, primo e adversário político de Nereu Ramos e Vidal Ramos Júnior.*¹⁴ As divergências políticas entre estes familiares transparencia nas colunas dos jornais, como crítica aos seus representantes políticos. Enquanto o Região Serrana defendia os interesses da UDN ou de seu proprietário Aristiliano Ramos, o Jornal da Serra fazia o mesmo em relação ao PSD.

Estas elites procuravam se diferenciar e estabelecer embates por exemplo no uso da informação cada grupo tinha seu próprio jornal, freqüentavam bares e cafés diferentes, fundaram clubes sociais que demonstravam as divergências dos partidos políticos que se opunham

A partir da década de 40 que Lages vai vivenciar alterações no seu cotidiano, a pecuária como atividade econômica na região, deixa de ser a principal fonte de renda do município e passou a dividir espaço com a indústria madeireira. Este aspecto é significativo para a compreensão daquele período.

Naquele contexto, Lages era uma cidade que ainda não tinha infra-estrutura, muitas ruas não tinham pavimentação, a maioria das casas não tinha serviços de saneamento básico, e a cidade começou a receber além de migrantes descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul e de trabalhadores da região, passou a receber também serviços públicos, como implantação de maquinários urbanos, pavimentação de ruas, remodelação de praças, serviços de infra-estrutura como instalação de rede elétrica e hidráulica nas residências.

Toda a movimentação pela qual a cidade passava, contribuía para seu crescimento

¹⁴ Costa, Licurgo. O Continente das Lagens - Sua Influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982, v.3.

urbano, aumentando o número de bairros e loteamentos, por exemplo. Para garantir a circulação das pessoas em 1942 Lages contava com uma linha circular de ônibus, transparecendo nos jornais como: *“Mais um melhoramento para a nossa cidade progressista, que pouco a pouco vai tomando vulto de grande cidade.”*

Ares de urbanidade começavam a aparecer na cidade, contudo, algumas singularidades caracterizaram o processo de urbanização de Lages sendo que é importante pensar, como, conviveram e se relacionaram aspectos da vida rural, com um jeito de viver urbano, que começava a se constituir na cidade, A propaganda de que Lages era uma cidade próspera primeiramente definida nos jornais como tal, transpôs fronteiras, contribuindo para que muitas pessoas mudassem para a cidade.

“Grande tem sido a concorrência no terreno migratório. Semanalmente chegam a esta cidade muitas famílias fixando residência. Explica-se esse êxodo considerando o fato de que Lages, cuja fama de região farta e rica já transpôs fronteiras, está se industrializando, o que em outros termos significa - Lages terá em breve vida própria...”¹⁵

Lages possuía na zona rural na década de 40 uma vasta floresta nativa de pinheiros araucária, a ocupação da região principalmente de famílias descendentes de italianos, estes proprietários e operários das madeireiras, constituíram-se um novo grupo econômico.

A partir da década de 40 muitas madeireiras foram instaladas na região, a abundância do pinheiro araucária representava uma forma rápida e lucrativa de muitas famílias enriquecerem, bem como, permitiu também que famílias de agricultores se mostrassem atraídas pelo trabalho nas serrarias, trocando de atividade profissional.

A quantidade de pinheiro araucária era vista segundo Licurgo Costa como *“praga na*

¹⁵ *Jornal Guia Serrano, Ano 1942, n.º. 396.*

*região” pois o excesso delas desvalorizava o terreno, impedindo o desenvolvimento da pecuária ou mesmo de formar lavouras de milho e feijão*¹⁶. Por isso, o “incentivo” pela derrubada dos pinheiros, aspecto que de certa forma beneficiou os descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul, estes compravam os pinheiros, “limpando” áreas que serviriam de pasto para a criação do gado. Esta atividade extrativista, contribuiu para que os “italianos” proprietários das serrarias se constituíssem nos “*novos ricos*”¹⁷ da cidade.

Sua presença como “empreendedores” na região motivou a migração regional de várias outras famílias de agricultores, profissionais liberais que viam em Lages as chances de mudar e melhorar de vida.

A indústria madeireira necessitava para se manter de outras profissões e serviços, pois de acordo com Licurgo Costa:

*“Em 1954, segundo dados do Departamento Municipal de Estatística, existiam em Lages, no setor da indústria madeireira, 157 serrarias, 6 fábricas de móveis, 1 fábrica de caixas, 2 fábricas de laminados, 3 fábricas de compensados, 3 fábricas de pasta mecânica.”*¹⁸

Com o crescimento populacional havia uma demanda de profissões que serviam como suporte para a indústria madeireira, oficinas, hotéis, restaurantes, borracharias, lojas.

No contexto, mudar de profissão ou de local de trabalho ou moradia representava melhoria de vida, pois, além da garantia de salário fixo, com carteira assinada, se tornar um operário na serraria significava perante seu grupo, uma elevação de status, e para muitas pessoas “permanecer com peão de fazenda era para quem não poderia ser outra coisa na

¹⁶Costa, Licurgo. O Continente das Lagens - Sua influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982.v.3, p. 907.

¹⁷Munari, Antônio. A Práxis Política em Lages. Dissertação de Mestrado.

¹⁸Costa, Licurgo. O Continente das Lagens - Sua influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982.v.3, p. 914.

vida”, além do que a serraria distribuía seus operários num quadro hierárquico de funções o que permitia uma ascensão social, e isto era tido como novidade na região.

Este aspecto contribuiu para que mudanças culturais ocorressem na região de Lages, no contexto sociocultural que caracterizava a atividade pecuária, a mentalidade comum da época, era composta pelo deslumbramento que as madeireiras, despertaram no interior da região, segundo Licurgo Costa: *“A indústria madeireira ultrapassou em significação econômica a indústria agropecuária (...) fazendo com que Lages fosse a cidade catarinense de maior progresso relativo nos últimos 50 anos.”*¹⁹.

A migração regional se caracterizou também pelo fato de o trabalhador das serrarias que até então era trabalhador das fazendas ou das roças se sentiu atraído pelo trabalho nas serrarias, além do que possivelmente morar próximo à cidade despertava o fascínio, e alimentava algumas utopias, segundo Antônio Munarim:

*“O caboclo - peão, que até então só fazia atender aos bois do fazendeiro por um salário irrisório, e o caboclo - roceiro, que vivia em condições precárias de vida, sentiam-se agora atraídos por um trabalho que não exigia qualificação e que lhes dava muitas vantagens: salário fixo mensal e em dinheiro vivo, casa nova para morar e numa vila “operária” e, ainda, oportunidade para criar pequenos animais e cultivar pequenas lavouras, com novas perspectivas educativas”.*²⁰

A atração pelas madeireiras e possibilidades que esta atividade oferecia, apareciam nos jornais, a indústria madeireira incrementava as rendas do município, o que teoricamente, significava melhoria de qualidade de vida, para todos, ou ainda, investimentos no maquinário urbano, pavimentação e saneamento da cidade:

“Novos empreendimentos surgem periodicamente embelezando a nossa “urb”, dando-lhe uma catadura moderna e atraente. O comércio cada dia toma-se mais intenso aumentando ainda mais o desenvolvimento da Princesa da Serra.

¹⁹ Costa, Licurgo. O Continente das Lagens- Sua influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982.v.3

²⁰ Munarim, Antônio. A Práxis Política em Lages. Dissertação de Mestrado, 1989, p. 96.

A indústria madeireira tem marchado a passos largos trazendo serviços benéficos para a economia do município”.²¹

Embora os discursos entusiasmados com a nova atividade econômica da região fossem em maior número, transparecia também nos jornais indícios de que aquela atividade não era bem aceita. O que demonstra que muitas vezes conviviam nesta cidade os anseios de progresso e desenvolvimento, com os receios da perda daquilo que alguns julgavam mais humano. Tais anseios procuravam sempre elogiar as transformações realizadas na cidade, demonstrando que o progresso que abria estradas, erguia edifícios, oferecia trabalho, não era tido como um progresso somente benéfico, mas motivo de receios e temor. A nota abaixo, refere-se a um pinheiro que “acompanhou o desenvolvimento de Lages e foi derrubado para dar lugar a um prédio”.

“Chegou, porém, o dia em que o velho rei Iracundo; presidiário da terra, recebeu as maldições inerentes do progresso e precisou ser apiado do seu trono”.²²

As divergências nos discursos produzidos pelos jornais possibilita perceber diferentes visões de cidade, diferentes projetos que se pretendiam viabilizar, diferentes maneiras de perceber a cidade e seus habitantes. Como lembra Cynthia Machado Campos, ao analisar os jornais de Florianópolis, a historiadora observa que *“as falas dissonantes serviam também para demonstrar que, o que fascinava também causava temor, demonstravam também que os jornais ajudavam a difundir anseios, aspirações e idealizações do viver na cidade.”*²³

Portanto, as idealizações de progresso não eram partilhadas por todos os jornais, muitos alertavam para o “perigo” que a derrubada de pinheiros ocasionaria no futuro. Os cronistas acusavam os migrantes do Sul, “os estrangeiros,” aqueles que vinham de fora” de

²¹ Jornal da Serra. 30.04.1954.

²² Jornal da Serra 13.11.1954.

²³ Campos, Cynthia Machado. Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1940). Mestrado em História. PUC.SP, 1992.

serem os responsáveis pela exploração dos pinheiros:

“13 anos que começou a exploração: ‘Maioria formada por rio-grandenses e de serreiros dos municípios vizinhos.

A derrubada dos pinheiros apresenta um grave problema para o futuro, riscos de exploração do pinheiro.”²⁴

Estas falas dissonantes da imprensa, demonstra uma certa resistência a nova atividade econômica implantada na cidade e sugere também que as diferenças entre madeireiros e pecuaristas não se limitavam apenas ao aspecto econômico, os empresários madeireiros se caracterizavam pelo *“espírito empreendedor e progressista,”*²⁵ representando desta maneira o “moderno”, pois detinham em suas mãos os negócios mais lucrativos da época. Aspecto que os classificou como os ricos da cidade, e que substituíam os fazendeiros da época, segundo Antônio Munarim em um estudo que fez sobre a práxis política na região serrana, os empresários madeireiros cobiçavam permanentemente o poder para desbancar os políticos tradicionais.

Os fazendeiros por sua vez na condição de “senhores da terra invadida”, pretendiam ridicularizar os madeireiros, alegando sua “grossura” no relacionamento social e na política. Os madeireiros em resposta revidavam as acusações dizendo que os lageanos eram insensíveis ao progresso, e que não tinham visão econômica o que conseqüentemente estagnava o desenvolvimento nacional.

Estas disputas por espaços econômicos na cidade, procuravam demonstrar que as madeireiras não trouxeram somente o “progresso”, responsabilizando aquele setor pela grande migração para Lages aumentando os problemas da cidade:

²⁴Jornal Guia Serrano. 24.05.1960 .

²⁵Munarim, Antônio. A Práxis Política em Lages. Dissertação de Mestrado, 1989.

*“Contra a UDN ojeriza pelas indústrias:
 “Lajes cada vez mais vê aumentada a sua população. A enorme quantidade de gente que para cá afluem freqüentemente não é, composta de pessoas abastadas. São pessoas pobres, que precisam trabalhar a fim de poderem continuar a viver”.*²⁶

Embora transparecesse divergências, os madeireiros também se sentiam inconformados com a inoperância, especialmente em relação aqueles setores que lhes diziam respeito: *como o setor viário e fiscal, o que ocasionava, conseqüentemente oposição destes em relação ao poder político local”.*²⁷

As diferenças e os embates entre estas elites podem também ser acompanhados com o que iniciou em Lages a partir da década de 40 a fundação e organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que foi a valorização das lidas campeiras no espaço urbano da cidade.

Este aspecto cultural pretendia demonstrar que a “tradição dos serranos”, deveria ser lembrada no espaço urbano, reforçando na e para a cidade o amor e apego às coisas do campo, com isso ao que parece estavam querendo dizer: se não podiam disputar no plano econômico iriam mostrar que a cultura não se alteraria, “ser serrano,” deveria subentender-se amantes das lidas campeiras, gaúchos, com isso tentaram divulgar para a cidade estes valores. A fundação de Centros de Tradições Gaúchas e do Movimento de Tradição Gaúcha demonstra de certa forma que havia disputa entre madeireiros e pecuaristas e que era uma disputa no plano econômico, político e cultural.

É possível perceber que a fundação de CTGs na cidade, durante a década de 40 pretendia reinterpretar um passado, reelaborando símbolos culturais, o que de certa forma se

²⁶Jornal da Serra, 1952.

²⁷Munarim, Antônio. A Práxis Política em Lages. Dissertação de Mestrado, 1989. p.44.

facilitava, pois Lages além de ter uma proximidade com o Rio Grande do Sul, tinha também a pecuária como um forte argumento de que cidade deveria cultivar as lidas campeiras.

O modelo cultural que começou a ser construído em Lages assemelha-se com o que estava se efetivando no Rio Grande do Sul. Como demonstra um dos fundadores do movimento em Lages, inclusive vieram representantes do Rio Grande do Sul, auxiliar os fundadores daqui.

“...tivemos muitos contatos com eles (...) vinham aqui (...) eles tinham representantes do Rio Grande do Sul aqui em Lages (...) então eles mandavam pra cá um camarada representando o MIG e esse camarada, ele tinha um região né? Podia cobrir por exemplo Lages, Curitiba, São Joaquim, e eles nos orientava, fazia reuniões, é muito interessante isso por que nós não tinha muita prática ainda (...)”²⁸

A proximidade com o Rio Grande do Sul demonstra que Lages passou no que se refere a fundação dos CTGs por articulações semelhantes às realizadas naquele estado: *“Criados na primeira metade do século no Rio Grande do Sul, como indica seu título, cultivar as tradições gaúchas, a idéia irradiou-se para Santa Catarina com certa rapidez (...) o primeiro ‘Centro de Tradições Gaúchas do Planalto Catarinense,’ cujo patrão foi o Sr. Áureo Vidal Ramos...”*²⁹

Como se deu no Rio Grande do Sul, segundo Oliven foi necessário pensar na origem do gaúcho, em Lages a busca pela origem do homem gaúcho deveria ser próprio da região, motivo pelo qual remeter ao homem espanhol que aqui viveu. *“...nós temos influência castelhana devido ao Tratado de Tordesilhas que pegava Lages e pertencia à Espanha”*.³⁰

²⁸ Entrevista com seu Sebastião

²⁹ Costa, Licurgo O Continente das Lagens v.4 p.1611

³⁰ Entrevista com Sr. Sebastião Costa realizada em setembro de 1999.

Segundo seu Sebastião reuniram-se em Lages alguns homens, que como ele dizia “*tinham cultura,*” para pensar juntos a criação do Movimento em Lages “*diziam que quem gostava de tradição era ‘negro grosso’ aí formamos o MITG para tirar essa imagem envolvemos essa gente da cultura.*”

Embora tentassem articular tais aspectos culturais na cidade a sua dinâmica social transpunha os projetos de cidade articulados por grupos definidos como “possuidores de cultura”, desta maneira, “é preciso contrapor a imagem criada pelo discurso oficial sobre a cidade e outra, composta por olhares, vivenciados no cotidiano de seus moradores”, com isso algumas pessoas entrevistadas lembram que as pessoas evitavam usar bombachas no centro da cidade, esta prática era ridicularizada pois a bombacha era tida como roupa de trabalho e não de passeio seu Jaime se recorda desse tempo:

*“Usavam mas não na cidade, hoje por exemplo tem muita gente da cidade que usa bombacha né naquele tempo não, naquele tempo era só do interior mesmo, os fazendeiros quando vinham pra cidade então vinham de bombacha, eu não me lembro assim de muita gente de bombacha na rua não. Depois é que surgiu esse movimento tradicionalista né daí divulgaram bastante o uso de bombacha então, agora o caboclo mesmo nunca usava né, as pessoas do interior que vinham pra feira né no Mercado, então essa gente vinha tudo de bombacha, mas fazendeiros usavam bombacha só pra chegar aqui depois tiravam a bombacha na cidade quase não usavam, eu não me lembro de muita gente usar bombacha. Agora alfaiate não fazia bombacha, era muito difícil, mais complicado pra fazer”.*³¹

Com a articulação dos CTGs na cidade o uso da bombacha foi propagado, e as lidas campeiras, “passaram a representar o modo de vida do povo lageano”, elementos que as elites pecuaristas recorreram para garantir seu espaço econômico e cultural na cidade. Procurando se contrapor aos madeireiros proprietários de uma atividade urbana, estes com novos ideais de práticas e de relacionamento social.

³¹ Entrevista realizada em agosto de 1996.

O embate entre as elites, pecuaristas e madeireiros, ou mesmo entre os grupos que tinham a mesma atividade econômica, demonstra conflitos interclasses, eram os grupos que detinham o poder econômico na cidade que definiam através do jornal que era um meio de divulgação de suas idéias o que era moderno e o que era tradicional, sendo que estes conceitos também tinham seus significados alterados quando lhes convinha.

Mudanças significativas no cotidiano da cidade passaram a ser vivenciadas. Para alguns grupos, Lages estava crescendo, se urbanizando, sua aproximação com o modo de vida rural precisava ser evitada, este aspecto é bastante contraditório, ao observar que neste mesmo período iniciava-se uma forte valorização de atividades ligadas ao campo através do Movimento Tradicionalista. No mesmo período que práticas de trabalho e sobrevivência do campo eram condenadas e disciplinadas na cidade, um exemplo disso foi a retirada do mercado público da área central, outro indicativo que também demonstra que a cidade estava se transformando.

As referências da vida do campo valorizadas por este movimento demonstrava que o campo estava sendo reinterpretado, e resignificado para servir de modelo na cidade. Aspecto que demonstra que o tradicionalismo além de ser um “movimento urbano *que procura recuperar os valores rurais do passado,*”³² idealizava um modelo cultural para a cidade, demonstrando que o processo de urbanização vivenciado em Lages procurava distinguir e excluir certas referências da vida rural, tão próximas e tão presentes no cotidiano da cidade.

Tais censuras foram realizadas no mesmo momento em que a vida rural estava sendo

³² Rubem, Olivem. A Parte e o Todo.

interpretada pelos idealizadores dos CTGs na cidade, os quais eram pecuaristas que tinham na criação de gado sua principal fonte de renda.

“Organizadores e simpatizantes do Movimento Tradicionalista local, à cuja direção e orientação o adiantado pecuarista e conhecido intelectual lageano Dr. Afonso Alberto Ribeiro Neto, popularmente conhecido como AL Neto, Dr. Wilson Vidal Antunes digníssimo juiz de direito da 1ª Vara e Diretor do Fórum local, Sr. José Wilson Muniz industrialista, Leandro da Silva Vieira, fazendeiro e entusiasta incentivador do culto ao Tradicionalismo lageano.”³³

Nesta elaboração dos CTGs, o modo de vida rural era bem visto e patrocinado, para que servisse de modelo e para que os lageanos não esquecessem suas origens.

Significava também que os aspectos da vida rural valorizados pelo Movimento Tradicionalista, não correspondia a vivência de muitos moradores do interior. Tanto que, a vida rural que se materializava no trote dos cavalos, no burburinho dos feirantes, no jeito de ser dos moradores do interior, no modo de vida rural, passou a ser condenada, e para alguns grupos, estes aspectos deveriam ser evitados no centro da cidade.

Seu Cristóvão se recorda que entravam com cavalos e que se precisassem posar tinham muitos poteiros de aluguel, *“naquele tempo do rio do Carah pra cá tinha potreiro de aluguel, potreiro alugado, galpão tudo pra gente posar, soltava o animal no potreiro e tinha um galpão ali, ali tomava um café né dormia”*.³⁴

A convivência nas ruas da cidade com aspectos e práticas rurais transparecia nos jornais através de queixas, como por exemplo sobre os animais soltos nas ruas: *“O povo reclama contra o gado solto à noite, prejudicando os transeuntes, devido à escuridão daquela zona perto do Centro Espírita.”*³⁵

³³Fonte: Arquivo Histórico Museu Thiago de Castro.

³⁴Entrevista realizada em março de 1998.

³⁵Jornal Região Serrana, 1952, n°. 296.

Estas medidas pretendiam estabelecer os contrastes entre o modo de vida rural, e o modo de vida urbano, este contraste entre o campo e a cidade, foi analisado por Raymond Willians na Inglaterra e demonstra, como se processa o embate entre formas distintas de vida, para este autor

“o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, inocência e virtudes simples, a cidade associada à idéia de centro de realizações, de saber, comunicações, luz,” como observa este autor, *constelaram-se também associações negativas onde a cidade aparece como o ‘lugar do barulho, mundanidade e ambição;’ o campo como o lugar do atraso, ignorância e limitação.*³⁶ Estes contrastes entre o campo e a cidade, contribuíram para estabelecer sujeitos e demarcar práticas sociais.

Tal percepção do campo como sinal de atraso, eram partilhadas no contexto nacional, onde o campo é visto como *“pura e simplesmente o atraso”*³⁷. Naquele contexto, de política desenvolvimentista adotada pelo governo de Getúlio Vargas, *“o campo, com seu homem tradicional, passa a ser visto como um problema, uma questão, a do obstáculo ao pleno desenvolvimento do conjunto do país.”*³⁸

O que estava sendo definido era também a quem pertencia à cidade, quem tinha o direito de morar, circular e viver nela, *“o direito à cidade se afirma como um apelo, como uma exigência (...) o direito a cidade só pode ser formulado como o direito à vida urbana,*

³⁶ Raymond, William. O Campo e a Cidade – Na História e na Literatura. Companhia das Letras, SP, 1990.

³⁷ Linhares, Maria Yedda. Francisco Carlos Teixeira da Silva. TERRA PROMETIDA - Uma História da Questão Agrária no Brasil. Campus, p. 119.

³⁸ Linhares, Maria Yedda. Francisco Carlos Teixeira da Silva. TERRA PROMETIDA - Uma História da Questão Agrária no Brasil.. Campus, p. 125.

*transformada, renovada.*³⁹

Os sinais que diferenciavam o campo e a cidade transparecia também sobre a compreensão que tinham sobre o tradicional e o moderno. Durante aquele período o tradicional estava sendo representado pelos pecuaristas, grandes proprietários, pertencentes a famílias abastadas na cidade, principalmente membros da oligarquia Ramos. E o moderno representado pelos madeireiros, empresários, que detinham os negócios mais lucrativos na época, eram os comerciantes, da cidade, e o grupo que exigia a implantação de serviços por parte da administração pública

Em entrevista concedida dona Zaira Wolff relembra como eram as feiras no mercado. Sua memória é uma “*memória vestida*”,⁴⁰ são as roupas usadas pelas mulheres que freqüentavam as feiras, que marcaram as lembranças de dona Zaira.

Ela relembra a feira e distingue as mulheres do interior e as mulheres da cidade pelas roupas que usavam:

“Muitas mulheres trabalhavam, usavam aqueles vestidos bem comprido, assim do interior sabe. Elas eram assim bem, bem matuta né, aqueles vestido bem comprido e tamanco, não era sapato assim, chinelo era aqueles tamanco assim de cepa de madeira né”.⁴¹

Dona Zaira diz que dava para ver nas roupas que as mulheres usavam estas diferenças:

“As mulheres da cidade se vestiam assim mais chic, mais granfina assim né. As do interior não se tava frio elas já botavam uma bombacha velha do esposo ali já vestiam pra esquentar a perna, vestia um vestido ali por cima, vestiam mais uma blusa, mais outra blusa, uma comprida outra curta, era assim. Bem dava de vê quem era do sítio e quem era da cidade.”

³⁹Lefebvre, Henry. O DIREITO À CIDADE. Ed. Moraes. São Paulo, 1991. p. 116.

⁴⁰ Perrot, Michele

⁴¹ Zaira Maria Wolff, entrevista realizada em 1996

Dona Zaira lembra que “*as mulheres do sítio ficavam ‘muito admiradas’ quando as da cidade iam nas feiras e quando chegavam em casa comentavam entre si as muié da cidade são diferentes de nós*”.⁴²

Dona Zaira ri quando lembra deste fato, ao que parece a constituição do outro como diferente, observada na sua fala, teve a contribuição de padrões de beleza, moda e comportamento femininos definidos pelos jornais que circulavam na cidade.

*Na seção feminina do Jornal Correio Lageano, as dicas de beleza ao que parece, eram usadas também como distintivos sociais, pois mereceria da interessada produtos de beleza, tempo para o cuidado da pele e do corpo, práticas não comuns às mulheres que vinham para as feiras mercar*⁴³. Indicavam estas notas, conselhos de beleza:

*“Antes de aplicar o rouge nas faces, preparar a pele, não se esquecendo de passar uma camada de creme, base indispensável para que ressalte a maquiagem, observando, entretanto, que a uniformidade da mesma seja perfeita, para evitar que o rouge se torne mais aderente em determinadas zonas.”*⁴⁴

Nas lembranças de Dona Zaira, observa-se que a roupa, a aparência era alguns dos distintivos sociais, que poderiam ser observados nos espaços públicos da cidade, como lembra dona Zaira.

As feiras públicas no mercado municipal permitiam que a “vida do campo” estivesse retratada semanalmente na cidade, eram os caboclos, vindos de São José do Cerrito, Campo

⁴²Zaira Maria Wolff, entrevista realizada em 1996

⁴³ Mercar: vender produtos, comercializar, expressão utilizada pelos entrevistados

⁴⁴ Jornal Correio Lageano 03.08.55.

Belo, Capão Alto, que garantiam o abastecimento de verduras, frutas e carnes para a cidade, nesta relação comercial eles eram chamados de tropeiros, transportavam as mercadorias em carroças, carros de boi ou tropas de mulas, cargueiros como eram conhecidos na cidade.

Seu Cristóvão que foi tropeiro e vendeu muito no mercado lembra como eram as feiras:

“Vinha de São José do Cerrito, de tudo lado, Campo Belo de tudo quanto era lugar vinha gente Capão Alto, Índios, muita gente vinha trazer mantimentos pra vender naquele mercado ali dava muito mantimento naquele tempo. Muitos ali tinham que levar de volta pra casa porque não podia vender tinha demais, tinha bastante, e hoje não tem nem pra... muito pouco né.”⁴⁵

Esses mercadores chegavam a Lages no meio da semana para as feiras no mercado que eram aos sábados. Era neste espaço público que se tornava visível a convivência cotidiana entre modos de viver diversos como a relação entre o modo de vida do campo e o modo de vida da cidade. Seu Cristóvão lembra que sempre vinham a Lages, pois vendiam arroz para um armazém na cidade:

“Ah! Nós sempre vinha tratado tinha aquele Estrebo Freitas antigo, muito antigo. Morava ali perto da Igreja da Santa Cruz, naquele tempo aqui, cheguei a andar de a cavalo por tudo quanto era lugar, era pequeno, e o Mercado Municipal era perto do terminal, bem no terminal ali o Mercado Municipal antigo. Então tinha muita gente que levava tudo quanto era negócio de mantimento ali pro Mercado Municipal ali né, com cargueiro com carreta de cavalo, caminhão não tinha era muito difícil”.⁴⁶

A tentativa na década de 40 em proibir a circulação de carroças e animais pelo centro da cidade, demonstra as intenções em construir um modo de viver urbano diferenciado do modo de viver rural, demonstra também as mudanças nas sensibilidades entre alguns moradores, de seus projetos sobre a cidade que procuravam construir. A partir da década de 40 o som produzido pelas carroças, visto que algumas ruas já tinham recebido pavimentação,

⁴⁵ Entrevista realizada em 1998.

⁴⁶ Entrevista realizada em 1998.

passou a incomodar alguns moradores.

Em nota publicada no jornal Guia Serrano de 1942, era divulgado o edital com o nome das ruas que seriam pavimentadas :

*“Edital de concorrência pública para o serviço de calçamento da cidade de Lajes. Pavimentação das ruas e praças da cidade de Lajes, abaixo discriminadas: Rua Correia Pinto, Praça João Pessoa, Rua Marechal Deodoro, Rua 15 de Novembro, Rua Coronel Córdova”.*⁴⁷

Mas embora a entrada de carroças no centro da cidade tivesse sido proibida, esta lei não foi cumprida totalmente *“quando a lenha era vendida, era levada à casa do consumidor no mesmo carro que iria naturalmente. Mas no centro da cidade este canto foi considerado muito estridente e causador de perturbações ao sossego público, havendo daí reclamações que terminariam criando uma lei proibindo o seu uso na cidade”*.⁴⁸ O carro de boi ou o carro cantador era o meio de transporte de muitos agricultores que vinham do interior. O cotidiano vivenciado por essas pessoas demonstrava que sabiam improvisar, criar, infringir leis para que pudessem garantir sua sobrevivência, assim:

*“O uso do carro de boi não desapareceu com a lei, os caboclos traziam o carro cantando até as margens do rio Carahá, ali passavam sabão caseiro no eixo e este deslizava suavemente até que desaparecesse o efeito daquela operação que só se daria depois de rodar alguns quilômetros e já estariam portanto bem longe da cidade e fora do alcance da lei.”*⁴⁹

Estas lembranças demonstram também que os planos urbanísticos de remodelação para a cidade, estavam muitas vezes distantes ou não correspondiam aos sonhos e vivências de muitos moradores e procuravam excluir e/ou homogeneizar certos grupos, no processo de constituição da cidade. Este relato pode ser encontrado também numa coluna do Jornal Região Serrana intitulada “Coisas Daqui.”

⁴⁷ Jornal Guia Serrano, 1942, nº 364.

⁴⁸ Ramos, Armando. 1988. 4 ed.

⁴⁹ Ramos, Armando. Passado e Presente. 1988. 4. ed.

*“Sobre o fiscal de carros de boi João Bernardino, este fiscal exigia que arrumassem graxa nas juntas para evitar o barulho. Refere-se a hoje, onde os caminhões passam a roda velocidade pelo centro da cidade com descarga aberta. Não há fiscalização”.*⁵⁰

A transferência do Mercado Público, demonstra que havia interesses em disciplinar o uso dos espaços públicos, naquele caso com a intencionalidade de construir a memória de Vida Ramos Sênior, avô do então prefeito da cidade, imediatamente a transferência, a praça foi remodelada sendo desenhado no seu interior o nome de Vidal Ramos Sênior. Esta intervenção demonstra como os espaços públicos foram utilizados na construção de memórias políticas na cidade. Os conflitos, as relações de disputas que podem ser lidos nos jornais e nas falas de muitos entrevistados, permitem historicizar a dinâmica social de Lages.

As formas de resistência encontrada pelas classes populares demonstrava como criavam e realizavam alternativas frente às imposições administrativas, os trabalhadores resistiam como podiam, para garantir sua sobrevivência, driblando leis, adotando outros códigos. Visto que, *“dotadas de uma espantosa capacidade de utilizar os terrenos baldios e os locais construídos, as classes populares opõem uma resistência viva ou surda, contra a especialização progressiva e a delimitação de espaços funcionais.”*⁵¹

Um exemplo significativo de interferência no cotidiano de trabalho de muitas pessoas, e mesmo podendo ser considerado um aspecto contraditório no contexto em que se deu tal medida adotada pela administração pública em Lages na década de 40 foi a transferência do Mercado Público de local e conseqüentemente o enfraquecimento das feiras que eram realizadas na praça.

Este aspecto pode ser analisado sob diversos aspectos, entre eles, a disciplinarização

⁵⁰ Jornal Região Serrana 01.09.1946.

⁵¹ Perrot, Michele. Os Excluídos da História. 1988. p.122.

dos espaços públicos na cidade bem como o uso destes espaços para forjar memórias e perpetuar sujeitos, medidas estas, adotadas pela administração pública naquele período.

Os conflitos, as relações de disputas que podem ser lidos nos jornais e nas falas de muitos entrevistados, permite historicizar o que convenientemente se considerou como semelhança entre grupos econômicos e políticos.

O embate econômico entre estas elites parece que se estendeu por disputas em outras áreas, seja na divulgação de seus valores, de suas culturas ou de suas formas de vida. Mesmo as elites consideradas grupos homogêneos tinham muitas vezes projetos e práticas que as diferenciavam entre si, e mais que isso diferenciavam-se de outros grupos sociais produzindo espaços e práticas de distinção social.

Estas elites procuravam se diferenciar e estabelecer embates por exemplo no uso da informação cada grupo tinha seu próprio jornal, frequentavam bares e cafés diferentes, fundaram clubes sociais que demonstravam as divergências dos partidos políticos que se opunham.

*Cada grupo político tinha seu clube social, sinais de distinção social, os clubes aparecem como um espaço privado de lazer, estas instituições contribuíram para facilitar o convívio social entre as elites, os encontros, as amizades, os namoros estabeleciam a solidariedade de classe, estes clubes podem ser analisados como uma das estruturas importantes e influentes que definiam as circunstâncias do poder na cidade.*⁵²

“Em 1920, no dia 14 de Junho, houve uma eleição para a sociedade Primeiro de Julho.

⁵²Needel, Jeffrey. Bellé Époque Tropical.

Apareceram duas chapas originadas de divergência política. Uma chefiada pela política dominante no município, sob o comando de Aristiliano Laureano Ramos e a outra por um grupo que há tempos vinha divergindo daquela e era chefiada pelo advogado Otacílio Vieira da Costa, chapa esta que foi derrotada e que, em sinal de protesto, resolveu fundar, nessa mesma noite, um outro clube, com reunião realizada na residência do Sr. Cândido Vieira. Foi fundado então, o “Clube 14 de Junho”, que teve com o seu primeiro presidente o Sr. Otacílio Vieira da Costa.”⁵³

Seu Jaime Garbelotto que era alfaiate na cidade de Lages durante a década de 40 lembra que existiam vários clubes sociais mas as pessoas mais “granfinas” se dividiam entre o 14 de Junho e o 1º. de Julho.

“Olha eu não era sócio de clube eu freqüentava. Eu freqüentava o 1º. de Julho e o 14 de Junho né naquele tempo existia mais facilidade pra entrar então eu freqüentava, mas não era muito freqüentador de clube não. Mas existia o 14 de Junho, o 1º. de Julho, já existia o Clube Juvenil, existia um clube um tal de democrata, mas não tinha sede, acho que esse democrata surgiu até por causa de política deve ter sido, eles faziam bailes em locais diferentes eram esses clubes e logo em seguida, quer dizer é o Clube 1º. de Maio, no Coral, que antigamente se chamava Ponte Grande. Tinha o clube 1º. de Maio que era mais da classe operária como o Juvenil também né, o 14 já era mais granfinagem o 14, era como até hoje”.⁵⁴

A fundação destes dois clubes me fez perceber que estas instituições privadas de lazer, serviam para que as famílias ostentassem suas riquezas, revelassem em público sua cultura, contribuía também para facilitar o convívio social entre os poderosos e suas famílias, os contatos entre as elites nos clubes, nos saraus, permitia a “solidariedade de classe”, serviam também como um distintivo de classe. Estes clubes podem ser analisados como uma das estruturas importantes e influentes que definiam as circunstâncias do poder, na cidade.

A percepção de sujeitos, de valores e de culturas muitas vezes se chocavam. Evidentemente os diferentes grupos sociais não freqüentavam os mesmos espaços. Seu Jaime lembra que mesmo nos cafés que ficavam nas esquinas da praça João Costa, os freqüentadores não eram os mesmos e que os trabalhadores não iam nestes cafés e sim, freqüentavam outro que ficava mais afastado desta praça.

⁵³ Costa, Licurgo. O Continente das Lagens- Sua Influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982. v.3

⁵⁴ Jaime Garbelotto, entrevista realizada em 1996.

“Olha... (pensou um pouco) Não era os mesmos aqui no centro os bares aqui do centro era as pessoas mais, como é que eu vou te dizer, mais colocadas na vida, e tinha um outro bar, bar avenida ficava lá em frente do Myatã atual do Sesi, agora Myatã mas ali, aquela esquina depois que pega a avenida, ali então tinha o bar avenida do lado direito de quem sobe né, ali então era um bar mais popular, um bar mais popular, esse aqui da esquina onde que tá o café cruzeiro esse era mais das pessoas mais ricas, fazendeiros, prefeito da cidade freqüentava muito ali Vidal, Vidalzinho, não só Vidal Ramos Júnior, então o pessoal se aglomerava mais ali.”⁵⁵

É a partir da década de 30/40 que as famílias das elites, fazendeiros vão fixar residência na cidade, até então estas famílias moravam nas fazendas e apenas passavam o inverno na vila. A mudança de endereço residencial destas elites também ao que parece vai contribuir para que ocorressem mudanças nas sociabilidades, nas condutas, e na construção de maquinários urbanos como projetos de saneamento, pavimentação de ruas, instalação de energia elétrica na cidade, Licurgo Costa lembra em seu livro que :

“ Por muitos anos a construção civil esteve paralisada em Lages. Apenas de quando em quando era edificado um prédio residencial ou comercial. Nesse meio tempo começaram a fixar-se na cidade arquitetos e engenheiros - construtores, entre os quais alguns lageanos, que modificaram sua aparência com o levantamento de edifícios modernos, de bom aspecto arquitetônico e dotados do mesmo conforto que distingue as construções dos centros mais avançados do país...”⁵⁶

Com novas práticas e usos concedidos as ruas e praças centrais da cidade, iniciava-se uma demarcação de espaços públicos, bem como a demarcação da área residencial do centro da cidade por um decreto lei de 29 de novembro de 1955, no artigo 2º deste decreto proibia algumas atividades profissionais:

“ É proibida a localização na zona descrita, nesta Lei, de fábricas, oficinas, usinas, depósitos, manufaturas e, em especial, indústrias que ofereçam perigos ou inconvenientes, quer por ruídos, odores, quer para a segurança e comodidade dos habitantes, quer para a estética da cidade ”.⁵⁷

⁵⁵ Jaime Garbelotto, 1996.

⁵⁶ Costa, Licurgo. O Continente das Lagens - Sua influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, 1982, v.3

⁵⁷ Lei nº 65, Ano 1955, Prefeito Eudides Granzotto.

Esta lei contribui para que surjam na cidade, ruas que davam status, e ruas que desqualificavam, tolerância com disciplina para a praça do Mercado, lugar de comércio, de troca porta de entrada na cidade para agricultores, caboclos, quitandeiras, feirantes empregados que iam às compras para as patroas, meninos que ganhavam alguns trocados carregando sacolas.

Embelezamento e atrações nas praças João Costa e João Ribeiro, a primeira, local preferido do prática do “footing,” local onde estava instalado o Teatro São João, atração bastante procurada na cidade, local também contornado por dois importantes pontos de encontros os cafés, o Café Ouro e o Café Cruzeiro, praça escolhida para a instalação dos altofalantes da Voz da Cidade, primeira transmissão radiofônica em Lages.

Por uma “feliz” iniciativa a Praça João Costa foi a primeira a receber bancos de cimento, sinal de desenvolvimento e progresso segundo nota escrita no Jornal Guia Serrano:

“Por iniciativa do Sr. Mauro Ribeiro, Diretor da Fábrica de Ladrilhos e artefatos de cimento “Hilda”, foram colocados, no jardim público situado à Praça João Costa, confortáveis e bem montados bancos de cimento revestidos de marmélite, cuja feliz idéia veio beneficiar a população lajeana, além de dar ao referido jardim um agradável aspecto, digno de elogios e admiração. Sabemos que a iniciativa brindará outras praças da nossa cidade levando a elas o conforto dos bancos “Hilda”, além de proporcionar ao comércio e indústria locais uma ótima modalidade de propaganda, a exemplo das já existentes nas inscrições nos colocados na Praça João Costa”⁵⁸.

Na praça João Ribeiro caminho para a Igreja , uma parada para se ouvir as retretas, as bandas que ali se apresentavam . As ruas Correia Pinto e Rua 15 de Novembro mais tarde denominada de Nereu Ramos, na Rua Correia Pinto a instalação de dois clubes sociais, o Clube 1º. de julho e o 14 de junho, são demonstrativos de mudanças ocorridas na cidade.

⁵⁸ Jornal Guia Serrano, 1952, nº86.

Os discursos produzidos na imprensa sobre a cidade de Lages que dividiam-se entre reivindicações e elogios a administração pública, reivindicavam calçamentos, limpeza pública, saneamento e eram discursos que se multiplicavam, à medida em que os espaços públicos iam sendo ocupados, transformados e remodelados.

Com isso, é possível perceber que em Lages a imprensa descreve não só a cidade com seus traçados, ruas, praças, avenidas, descreve também seus moradores, determinando o que considerava sinais de civilidade e progresso, tendo como parâmetro as famílias ricas, as mesmas que constantemente estavam ocupando as páginas dos jornais.

Desta maneira, as elites passaram a utilizar estes espaços como forma também de distinção social, demarcando seus aparecimentos em determinados locais, mapeavam desta forma a constituição espacial e social da cidade.

Com o aparecimento de outros sujeitos sociais frequentando as ruas e praças iniciam-se campanhas nos jornais para embelezar, limpar e disciplinar estes espaços. Havia comunicações e multas para que os moradores mantivessem seus quintais e sarjetas limpos.

“Aviso: De ordem do Dr. Chefe do 6º Distrito Sanitário, levo ao conhecimento dos senhores proprietários e locatários de prédios, terrenos ou logradouros públicos que este Centro de Saúde está empenhado na limpeza da cidade. A presente medida visa sobretudo, prevenir a população local de um possível surto epidêmico do grupo tífico, com a aproximação do calor. Outrossim: Por tolerância esta chefia conderá o prazo de 20 dias para que mandem limpar os quintais, depositem o lixo em recipiente apropriado, e corrijam o escoamento de águas servidas, para as sarjetas de via pública, contribuindo, desse modo, para o bem da coletividade. Previne-se a todos que deixarem de satisfazer as exigências acima que a chefia do centro de saúde aplicará multas de 20\$000 a 40\$000.”
Asbel Solon da Silveira (guarda - chefe)⁵⁹

Em algumas crônicas dos jornais, passa a ser inconcebível transitar e passear em ruas tão sujas, tão emburacadas, era preciso remodelar estes espaços para que as senhoras e

⁵⁹Jornal Guia Serrano, 1942.

senhoritas moradoras dos sobrados existentes no centro da cidade pudessem também utilizar estes espaços. Ao que parece neste período as ruas em Lages estavam mudando de significados. Estavam deixando de ser passagem apenas de trabalhadores, quitandeiras, empregadas domésticas, feirantes, mendigos. Estava também se transformando em espaço de aparecimento de outros grupos sociais, que pretendiam utilizá-la para serem vistos, admirados, desejados.

É possível afirmar que a partir da década de 40 Lages passou por modificações, nas sociabilidades, as ruas e praças são utilizadas interpretadas e vivenciadas por diferentes grupos sociais, improvisavam no seu cotidiano formas de resistência e de sobrevivência, *“mesmo escapando aos que controlavam politicamente a cidade conseguiu apresentar um crescente número de pessoas que vivesse nela a experiência estimulante da multiplicidade dos encontros e do confronto da diversidade de valores”*.⁶⁰

O que demonstra que as condutas e os comportamentos idealizados e projetados nas páginas de jornais eram muitas vezes negados, nas experiências cotidianas de muitos moradores.

Contudo, é possível perceber que em muitos grupos, pelas condições sociais, culturais e econômicas encontravam dificuldades para acompanhar as transformações realizadas na cidade. Pois, significava estarem excluídos do processo de urbanização adotado, onde a cidade estava sendo projetada para acompanhar as transformações efetivadas em outros locais.

E mesmo estes grupos que eram impossibilitados de acompanhar as remodelações da cidade estavam presentes nas colunas dos jornais, que alertavam para o perigo destes grupos permanecerem nas ruas e praças da cidade. *“Enquanto nossa cidade puder manter nossas ruas livres de mendigos terá ela assegurado sua existência, quando assim não mais acontecer estará próximo seu fim...”*⁶¹

Ao tentar modificar a paisagem, inibir comportamentos os corpos que circulavam pela cidade precisavam não só serem substituídos, mas também reeducados. As transformações iniciadas em Lages, não modificaram apenas aspectos físicos da cidade, modificaram também os corpos de seus moradores. Neste sentido a cidade que crescia, que se modificava e se expandia, que se maquiava, e se embelezava, era também a cidade que acolhia, que selecionava, que tinha cheiros, que emitia sons, que tinha brilho, cor e vida era a cidade que ficou registrada nos fragmentos de memórias, nas recordações vivenciadas.

As memórias sobre esta cidade aguça os sentidos dos seus narradores, são seus cheiros, seus sons, suas cores, suas formas que se mantêm registrados, entre aqueles que a vivenciaram, que a viram se modificar. No aprendizado cotidiano, eles precisaram se adaptar às modificações, neste aspecto os sentidos como olfato, tato, visão audição precisaram ser reeducados.

Os cheiros de esterco produzidos pelos animais antes tão comuns nas ruas da cidade

⁶⁰Konde, Leandro: UM OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A CIDADE. In: Olhares sobre cidade.Org. Robert Pechmann, Rio de Janeiro: Ed. UFJR, 1994. p. 79.

⁶¹ Jornal Guia Serrano, Nº. 85, 05.03.1952.

passam a incomodar os moradores. Foi preciso aprender a caminhar em ruas pavimentadas, com calçadas próximas às casas, aprender a não jogar mais os detritos nas ruas, a se admirar com novos prédios, novas praças, novos comportamentos, o som dos cascos dos cavalos, foram substituídos lentamente pelo som dos automóveis e mais uma vez o corpo precisou se adaptar.

As referências que foram se constituindo sobre locais de encontros, mapeiam a cidade, a memória é seletiva, muitas vezes o que foi guardado na “memória” para ser lembrado, está reinterpretado, resignificado.

Mas através destas memórias na tentativa de aproximar pessoas que talvez não se conhecem, mas que tem em comum lembranças sobre esta cidade, é possível estudar o cotidiano da cidade de Lages a partir da década de 40.

Através das entrevistas, pude perceber como os entrevistados viam as transformações da cidade, os planejamentos urbanos, as modificações no traçado das ruas e praças, as proibições impostas pelas leis públicas, as tentativas em impedir as aproximações, os encontros, as tentativas em disciplinar os espaços públicos da cidade. Os entrevistados descrevem a cidade a partir do seu lugar social, eram trabalhadores, usavam cotidianamente as ruas e praças, para o exercício de sua sobrevivência, usavam também esses mesmos espaços para o lazer.

No trabalho de rememorar, refazer, rever e reinterpretar o passado através das lembranças do vivido, do sonhado, do partilhado os entrevistados vão tecendo a partir das suas memórias as relações que estabeleceram na cidade, como construíram e demarcaram seus espaços e suas relações, *“o espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações e é no espaço da cidade que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas”*.⁶²

Através das memórias dos entrevistados, a cidade vai sendo contada, reinterpretada, resignificada, assim, como lembra seu Jaime, que passava diariamente pela praça João Costa para ir ao trabalho na alfaiataria e à noite, e nos finais de semana ficava nesta praça conversando com os amigos. Através das lembranças de seu Jaime é possível perceber que a Praça tinha sua diversidade cultural, étnica e social:

“Geralmente, à noite, né, nessa praça principalmente, naquele tempo, não existia televisão. Então as pessoas tinham que sair na rua mesmo né, então ficavam na praça mesmo caminhando de um lado para o outro, né. Ficavam, faziam três camadas né, então ficavam as pessoas mais ricas né lá, os que ficavam no meio ficavam mais os da classe média, mais pra cima em direção do colégio ficavam os bem pobres principalmente os da raça negra então passeavam, e a gente então fazia esse trajeto passeando ali, quando não estava conversando assim né no grupo então passeava de uma esquina até na outra né e voltava eles chamavam de footing, na época eles chamavam de footing, eu não sei a tradução disso mas deve ser passeio não sei”.⁶³

O “footing” descrito por seu Jaime é lembrado também por outros entrevistados, e esta

⁶² Peluso Júnior, Victor. 1991.

⁶³ Entrevista realizada em 1996

divisão social da praça João Ribeiro, ficou marcada também nas lembranças do seu João Rath ele lembra que o “footing” iniciou com a Voz da Cidade que foi a instalação de alto-falantes na Praça João Costa, para transmissão de músicas, divulgação de propagandas, noticiários. Seu João lembra os horários em que a praça era utilizada para aparições de moças e rapazes.

“Ela tinha horário, logo depois da janta, a turma vinha para a praça para passear, então começava 7h da noite e ia até às 9:30h conforme o dia. Depois estabeleceu um horário fixo das 7h da noite e ia até a hora que a turma fazia o chamavam o footing, era o passeio. E havia um fenômeno engraçado, havia depois de um determinado tempo uma seleção natural, porque em geral a rapaziada sabia um o outro, a turma ficava na beira contra as cassa e as moças desfilavam na frente...”⁶⁴

Mas a seleção natural que aconteceu foi o seguinte, é que as moças da sociedade, principalmente da escola normal e as do Santa Rosa, desfilavam na calçada. A única rua calçada era essa no meio da rua, que desfilava a classe média da cidade, comerciários etc. e tal e na calçada de lá, era o time do batente empregada doméstica e tudo.

Vitor Peluso Júnior, em seu estudo sobre os aspectos urbanos e sociais de Santa Catarina observa que *“o centro da vida urbana de Lages, é a esquina da rua 15 de Novembro com a rua Correia Pinto e a Praça João Costa (...) os cafés situados nessa região merecem destaque quando se trata da vida urbana de Lages”*.⁶⁵

O espaço urbano entendido como o lugar das relações sociais, culturais, econômicas, de luta de resistência, pode ser pensado a partir da história de muitas pessoas que vivenciaram cotidianamente a cidade de Lages, pessoas que trabalharam, se divertiram, conviveram com as transformações desta cidade, pessoas comuns que na rotina de seu dia-a-dia estabeleciam relações sociais de disputa, de resistências, de poder, de amizade.

⁶⁴ João Rath entrevista realizada em 1997

⁶⁵ Peluso Junior, Victor 1991, p. 131.

Ao buscar na história de vida destas pessoas as memórias sobre a cidade de Lages, encontrei o sentido do trabalho do historiador, os significados, as recordações, as resignificações no presente do já vivido, do já partilhado, e a beleza de perceber estes homens e mulheres de cabelos brancos se reencontrando através das lembranças com pessoas, com lugares, com seu passado. É um trabalho muito gratificante e sensibilizador, poder penetrar neste mundo de recordações e memórias.

Reconhecer os relatos de vida como portadores de uma história singular, permite não somente ouvir as versões, e os relatos daqueles que foram esquecidos pela história oficial, mas possibilita adentrar em narrativas cheias de vida, de luta por sobrevivência, permeada por conflitos e realizações. Permitir que “pessoas comuns”, trabalhadores, trabalhadoras, homens e mulheres relatem suas vidas e suas experiências.

Neste sentido através da memória como relato de experiências de vida *“faz com que as pessoas idosas, muito frequentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem”*.⁶⁶

Muitos entrevistados ao reinterpretarem seu passado relembram de uma cidade que os acolhia, os reconhecia, o sentimento de pertencimento ao grupo de envolvimento na cidade que era também deles, vão então relatando as modificações da cidade. Desta forma, a partir das histórias de vida é possível acompanhar as transformações do espaço urbano.

Quando seu Jaime lembra da alfaiataria onde trabalhava é visível o esforço por

⁶⁶Peixer, Zilma. A Princesa da Serra. In: Revista da Memória.

encontrar na atual cidade referências do passado. Naquela casa... aquela esquina... demonstra que as transformações do urbano não apagaram suas lembranças apenas dificultam ajudar alguém que não viveu aqueles anos a saber de onde ele está falando.

No rosto a expressão de vazio, falar sobre algo que já não existe mais, buscar encontrar as esquinas, as praças os amigos no Café da esquina e perceber que os anos passaram e o inevitável a cidade que os acolheu hoje os exclui.

“Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá, em suas bifurcações e atalhos.

A memória da cidade de Lages dos lugares de encontro e sociabilidade é retratada conforme o entrevistado, sua profissão, como percebia e se relacionava com a cidade. Os espaços descritos revelam os significados dos encontros, das relações, das amizades. O espaço não pertence exclusivamente ao presente. Pertence também ao passado e ao futuro. O espaço neste sentido é mutável. Mutável porque é eterno, efêmero, passageiro, permanente, público e privado.”⁶⁷

Seu Jaime que cresceu no centro da cidade trabalhou numa alfaiataria em uma esquina importante da vida urbana lembra dos Cafés da Praça João Costa. Para ele, o ponto de encontro na cidade era a praça:

“Era só um local, era onde está a Praça João Costa mesmo, no calçadão. Ali que as pessoas se encontravam naquele tempo chamavam Praça João Pessoa. E a praça João Pessoa era ela toda tinha uma parte da praça então chamava Praça do Cravo, pracinha do cravo preto né, que ficava a sede do Clube Carnavalesco Cravo Preto. Mas era a praça toda, era João

⁶⁷ Coradini, Lisabete. PRAÇA XV ESPAÇO E SOCIABILIDADE. Letras Contemporâneas Florianópolis, 1995.

*Pessoa. Depois mudaram pra João Costa a pedido do Dr. João Costa Neto, era neto dele.*⁶⁸

As lembranças do vivido e partilhado, descrevem a cidade, lembrar como testemunha os lugares, que mudam no trabalho do dia-a-dia conforme a relação que o entrevistado tinha com a cidade.

Quando se está conversando com alguém que foi tropeiro e entrava em Lages pelo Mercado Público, para seu Cristóvão, a praça do Mercado era o principal ponto de encontro na cidade.

*“As vez vendia batatinha de planto, batatinha de comer né, tudo isso vinha de longe lá da Mortandade vinha carreta de batatinha, feijão tudo quanto era mantimento vinha no Mercado ali, era muita gente ali, povo ali era no mesmo ponto onde desembarcava da circular ali na calçada do Mercado Municipal antigo, agora hoje não tem quase mais ninguém né agora esses mercados ganharam força tudo quase o mesmo preço agora quase ninguém vai mais no mercado municipal lá.”*⁶⁹

Porta de entrada para muitos tropeiros da região o Mercado Público era o ponto de chegada e partida na cidade de Lages, através dele muitos cargueiros, carroças com mantimentos viajavam para Lages semanalmente homens e mulheres vinham “mercar” na cidade, dona Zaira lembra o quanto era cheia aquela praça: *“Era cheio de gente, muita gente no mercado. Vendiam feijão, milho verde, batata, melancia, gila, aipim, batata doce, traziam tudo que era do sítio, traziam frango, porco, traziam frango vivo, frango morto, tudo...”*⁷⁰

Estas lembranças demonstram que cada praça tinha um significado e um uso diferenciado, podendo com isso afirmar que havia uma separação social e econômica nos espaços públicos da cidade. As três praças aqui analisadas são espaços de sociabilidades, de convívio de troca, mas elas se distinguem entre si, pelo uso que lhes davam, não só o poder

⁶⁸Entrevista realizada em 1996.

⁶⁹Entrevista realizada em 1998.

⁷⁰Entrevista realizada em 1996.

público mas também seus habitantes. “*As ruas e praças surgem no cenário urbano com uma identidade própria, segundo o imaginário de cada época. Essa identidade corresponde às imagens e representações que são construídas a partir de diferentes discursos, usos, olhares, que imprimem, a cada praça de cada cidade em diferentes épocas, diferentes significados*”.⁷¹

A praça João Ribeiro, caminho obrigatório para ir à missa passou também, por várias modificações no seu traçado, ora com um caminho central que ligava a rua 15 de novembro à porta principal da igreja.

Nos jornais aparecem críticas constantes ao formato, ao uso e a aparência das praças da cidade. A exemplo uma nota publicada em 1954, criticando alguns aspectos da cidade e de suas praças: “*O crescimento da cidade é um escalabro. Ela continua se desenvolvendo desordenadamente, com ruas tortas e desencontradas, praças em miniatura (quando aparecem) e becos sem saída*”.⁷²

Ao procurar interpretar as fotografias e as falas dos entrevistados sobre as praças é possível fazer uma leitura da cidade diferente da existente nos jornais, se para estes havia evidências de atraso, de não civilidade, as fotografias e as recordações sobre a cidade descritas pelos entrevistados, demonstram que havia aqui um ritmo de vida diferente de outras cidades, e que a dinâmica social de Lages tinha suas especificações.

Em fotografias que aparecem por exemplo a praça João Ribeiro na década de 40, é possível perceber que Lages tinha um movimento nas ruas menos intenso, ao que parece as pessoas que aqui moravam não tinham pressa, comum a outros centros isto é possível

⁷¹Coradini, Elisabeth. Praça XV Espaço e Sociabilidade. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1995.

⁷² Jornal Região Serrana, 04.09.1954.

perceber nas entradas que são feitas na praça, em linha reta era possível apenas entrar ou sair pela rua 15 de Novembro ou pela frente da Catedral.

Era uma praça que levava diretamente à igreja, não tinha atalhos ou caminhos mais curtos, não tinha bancos, o ir e vir era na parte central da praça, sem obstáculos, era possível contemplar o templo religioso na subida da rua 15 de Novembro. Ela ornamentava a igreja, servia como um jardim e extensão do templo. Apenas uma praça de passagem entre a cidade e a igreja.

Mais tarde esta mesma praça recebeu cercas que a contornava. Esta medida sugere algumas interrogações, quais os significados em se cercar uma praça, controlar a entrada de pessoas e animais, nesta época haviam muitas queixas de cavalos e vacas soltos pelas ruas da cidade, mas também de mendigos e esmoleiros perambulando pelas ruas, seria para controlar os horários, as condutas?

Esta medida demonstra um outro momento vivenciado pela cidade de Lages, onde um maior número de pessoas começam a freqüentar as praças, o ócio passa a ser condenado em determinados lugares, talvez por isso proteger uma praça com cercas, impedindo que pessoas e animais adentrem e pernoitem no jardim, a exemplo de outras cidades viam nesta atitude de cercamento de praças a possibilidade em disciplinar o uso de espaços públicos, controlando os corpos que habitavam a cidade.

Os cronistas da cidade: discursos e idealizações

*“Assim, ele vai correr, procura. O quê? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples “flâneur” um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade...”*⁷³

*“O prefeito está melhorando e enfeitando as ruas para a exposição. Mesmo assim: O mau estado das vias públicas, tende sempre a piorar com o crescimento da cidade e a morosidade do calçamento. Se a prefeitura quiser enfrentar os problemas, apenas com os recursos ordinários, nunca chegará a dar conta do recado. **E Lages a Princesa da Serra, irá se transformando numa gata borralheira, feia, suja e mal cheirosa.**”*⁷⁴

A partir da final da década de 30 muitas famílias migram de outras cidades para morar em Lages atraídas pelas perspectivas geradas por inúmeras madeireiras que se instalaram na região do planalto serrano de Santa Catarina, muitos operários, profissionais autônomos se dirigiram para Lages, trazidos pelo sonho de progredir. *“As possibilidades de progresso eram difundidas pela imprensa local, que fazia questão de reforçar e divulgar uma alcunha de nobreza, comparando a cidade de Lages como sendo a ‘Rainha ou Princesa da Serra’. Título que era bastante utilizado na cidade, para representar o crescimento econômico vivenciado durante aquele período.*⁷⁵

⁷³ Baudelaire, Charles. Sobre a Modernidade. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

⁷⁴ Jornal Guia Serrano, 1942.

⁷⁵ A alcunha de nobreza é trabalhada por Zilma Peixer em seu texto sobre a Princesa da Serra. Para esta autora, esta alcunha passou a aparecer nos jornais na década de 40 para caracterizar o crescimento econômico que a cidade vinha tendo e para representar também uma perspectiva de futuro.

Segundo os jornais da época, uma cidade que recebia adjetivos de nobreza como Rainha ou Princesa, precisava corresponder ao seu título. Portanto, deveria evitar certas práticas que não correspondiam com sua suposta posição. De forma que foram traduzidos, através da imprensa local, discursos, que procuravam demonstrar o quanto, era visível na cidade imagens e práticas que demonstravam sinais de nobreza e progresso, sendo que os jornais também apontavam para alguns sinais que poderiam comprometer a permanência de tal título.

Havia também uma preocupação em garantir que o título de nobreza estivesse visível nas realizações feitas pela administração municipal, o que é perceptível no jornal Região Serrana, que tinha uma coluna que se intitulava “Aspectos da cidade” e que demonstrava o perfil da cidade que se tinha e quais as medidas que deveriam ser tomadas para que Lages não se tornasse uma “gata borralheira”, o que comprometeria sua “alunha de nobreza”.

Toda uma construção de símbolos interpretados como sinais de modernidade e progresso transpareciam nas colunas dos jornais, para os cronistas que descreviam a cidade, cada detalhe, cada nova pintura ou fachada de casas, cada árvore plantada ou retirada servia de motivos e temas a serem expostos em suas páginas semanais.

Através destes discursos produzidos pela imprensa entre as décadas de 40 a 60 é possível perceber como a face central da cidade foi utilizada, realçada, valorizada e maquiada pela administração municipal.

“Apesar da crise que dizem existir em todos os meios comerciais justificada pela guerra que devasta o mundo. Lages, a Rainha da Serra, vem se desenvolvendo continuamente e a olhos vistos, apresentando sempre novas, belas e elegantes construções que revelam o gosto apurado de sua gente...”⁷⁶

⁷⁶ Jornal Guia Serrano

A partir da década de 40 começam a aparecer nos jornais locais anúncios e crônicas que pretendem mostrar que Lages é uma cidade moderna e desenvolvida. São inúmeras notas durante este período que descrevem o progresso pelo qual a “cidade” vinha passando. *“Hoje, Lages é uma larga oficina de trabalho material e espiritual. Nada lhe falta, próprio de uma cidade moderna.”*⁷⁷

A cidade era o principal tema de suas colunas semanais, e através destas eram difundidos discursos que descreviam e demonstravam os diversos olhares lançados sobre a ela, ora criticando ora elogiando as imagens e práticas que a cidade estava produzindo, e é esta multiplicidade de olhares, que vai rabiscando suas formas e seus personagens, e estes aspectos não escaparam ao papel e tinta dos cronistas, porém, *“se a construção da imagem da cidade, deriva dos diferentes olhares a que ela está exposta, cria por um lado a dominação, por outro permite a legitimidade. Dominação e legitimidade são, pois, ingredientes fundamentais na culinária da modernidade e na construção da ordem urbana.”*⁷⁸

A diversidade dos olhares que observavam a cidade, resultou também numa diversidade de interpretações, aspecto que torna seu estudo muito mais estimulante, observando a imprensa, que se constituía como um espaço reservado de debates de idéias, pode-se deparar com visões diferentes sobre um mesmo tema, a cidade que estava se transformando. Este aspecto ajuda a compreender porque as pessoas que se encarregavam de descrever, e analisar a cidade, não tinham o mesmo ponto de vista, a mesma cidade que estava “crescendo, “se urbanizando”, “progredindo”, demonstrava também que era “carente de

⁷⁷ Jornal Guia Serrano 13.12.66

⁷⁸ Pechman, Robert. Olhares sobre a Cidade. In Olhares sobre a Cidade. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1994

urbanidade”, algumas notas observavam que não bastava construir uma cidade moderna, era necessário que seus moradores acompanhassem tais mudanças.

*“Cooperando para o bom nome da cidade:
Em 16 de outubro de 1952 já havia escrito uma carta para uma campanha em prol das árvores da rua. Até hoje não deu resultado, continuam sendo danificadas.
Hoje levanta dois problemas:
O desrespeito dos que andam de bicicleta, casos de atropelamento de pedestres.
Grande número de cães vadios, derrubam lixos etc.
Atentando contra nossos poros de cidade progressista e civilizada.”⁷⁹*

Ao que parece a cidade estava também “carente de civilidade”, não bastava abrir novas ruas, avenidas, passeios, construir casas, prédios, era necessário que o morador dessa cidade acompanhasse estas mudanças, e muitas práticas acabavam comprometendo as aspirações de progresso, para que estes ideais fossem atendidos, muitas práticas que possivelmente eram comuns na cidade, foram punidas com multas e leis que as proibiam, uma destas leis estabelecia que:

*“É obrigatória a remoção do lixo de todas as casas de moradia, comércio ou depósitos, bem como limpeza de valas canalização de águas servidas e instalações de fossas sépticas.
O proprietário morador ou responsável pelo prédio deverá depositar diariamente o lixo em recipientes de folhas com tampo fixo, fora das habitações a fim de que seja removido pelo serviço de limpeza pública.
É expressamente proibido depositar lixo no interior dos quintais, chácaras ou lançá-los às vias públicas...”⁸⁰*

“É a partir deste momento que a cidade de Lages e as práticas de alguns moradores passam a ser problematizados através das colunas dos jornais, contudo é importante lembrar que historicamente as cidades foram problematizadas a partir da primeira metade do século XIX,⁸¹ onde tanto as cidades quanto o viver urbano se constituíram em objetos de estudos. Passaram a produzir discursos de diversos especialistas sobre como deveriam organizar-se as

⁷⁹ Jornal da Serra 11.02.54.

⁸⁰ Jornal Guia Serrano 18.05.1941.

⁸¹ Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz. Da cidade à nação: Gênese e Evolução do Urbanismo no Brasil, p.53-78. In: CIDADE, POVO E NAÇÃO / Luiz César de Queiroz e Robert Pechman (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

idades. Naquele período, foram os discursos médicos e higienistas que contribuíram para o modo de pensar os planejamentos urbanos.

No Brasil, principalmente no final do século XIX é que foram produzidos propriamente, discursos e intervenções nas cidades. Durante o Estado Novo, reproduziu-se o “discurso higienista e urbanístico produzido nos países centrais, desde o final do século XIX”. Segundo Ribeiro de Queiroz, “*entre 1900 a 1940, várias cidades do Brasil e de outros países da América Latina foram objeto de intervenções de planos e projetos de renovação urbana*”.⁸²

Este autor observa que as intervenções que foram iniciadas nas cidades naquele período tinham como justificativa modernizar o país. Desta forma é possível perceber que Lages embora sendo um município do interior do estado de Santa Catarina, partilhava das mesmas aspirações de modernizar-se.

Assim, as intervenções nas cidades se caracterizaram por um projeto de urbanização que pretendia normatizar e higienizar os espaços de convivência social como as ruas por exemplo, e as casas das classes populares ou os bairros populares, vistos como ameaça de epidemias, oferecendo riscos de contaminação sendo necessário que se localizassem distantes das áreas centrais.

Este projeto de modernização do país implantado pelo governo de Getúlio Vargas ao que parece se fez presente também em Lages, é durante as décadas de 40 a 60 que foram efetivamente implantados maquinários urbanos. Era um município pequeno, tendo sua

⁸² Ribeiro, Luiz César de Queiroz. *Da cidade à nação: Gênese e Evolução do Urbanismo no Brasil*. p. 53-78. In: CIDADE, POVO E NAÇÃO. Luiz César de Queiroz e Robert Pechman (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

economia baseada na agropecuária, onde os cargos políticos eram substituídos por membros de uma mesma família.

Em meados do século XX, Lages tinha então uma elite articulada com o pensamento da nação, ou seja os projetos de modernidade implantados em outros centros no país eram interpretados e muitas vezes implantados em Lages. Através das colunas dos jornais é possível perceber uma preocupação com as condutas e com a higiene dos espaços de convívio social. *“A comissão Central da Exposição Agropecuária pede à população da cidade que, durante os dias do certame, não joguem à rua cisco, lixo, cascas de frutas, papéis etc. e sim, deposite-os em caixas ou vasilhames apropriados.”*⁸³

As problemáticas sobre o urbano no Brasil transparecem através de uma concepção urbanística que construir em seu projeto de cidade espaços privilegiados para as elites, excluindo de seus planos urbanos as camadas populares, pois estas eram vistas como ameaça “perigo e desordem”.

É visível também que Lages se inseria na problemática urbana estabelecida pelo Estado Novo. Problemática esta que pretendia segundo Ribeiro de Queiroz, *“promover o desenvolvimento nacional ‘modernizar’ o país. Este projeto de desenvolvimento nacional pretendia incluir os trabalhadores, na medida que lhes garantiria assistência social como alimentação, moradia, acreditavam que o trabalhador era revoltado e preguiçoso pelas más condições de vida que levava.”*⁸⁴

⁸³Jornal Guia Serrano, 1946 .

⁸⁴Ribeiro, Luiz César de Queiroz. *Da cidade à nação: Gênese e Evolução do Urbanismo no Brasil*, p. 53-78. In: CIDADE, POVO E NAÇÃO/ Luiz César de Queiroz e Robert Pechman (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Assim, a cidade que se modificava, passava a exigir que o seu habitante se adaptasse às mudanças, com isso demonstrava quais sujeitos eram socialmente aceitos, e da mesma forma, quais eram os indesejáveis. *“O Estado Novo condenava claramente o ócio, nos grupos subalternos, e propunha o trabalho como valor básico. Malandros, desocupados, jogadores, boêmios, pedintes constituíam grupos visados pela polícia...”*⁸⁵

Tais preocupações com a parcela pobre da população, aparecia nos jornais, onde eram divulgadas campanhas, para excluir mendigos e menores, do centro da cidade:

*“A delegacia Regional de Lages: Elogios ao Dr. Edison Valente. Delegado Regional de Lages. ...Basta que assinalemos nestas colunas, que os menores não mais vagam, pelas ruas e nem freqüentam bilhares e outros espetáculos que lhes eram vedados. Desapareceram as depredações que eram praticadas pelos menores, quebrando vidraças danificando os edifícios e jardins. Os que à noite viviam pelas ruas desta cidade perturbando o sossego público com gritarias e tiros desapareceram como que por encanto...”*⁸⁶

Naquele mesmo período são fundados serviços assistenciais, que pretendiam “resolver o problema da mendicância”, esta preocupação sobre quem freqüentava as ruas transparece também nas colunas dos jornais que circulavam em Lages, quando por exemplo são feitos apelos para que a cidade limpe suas ruas da presença de mendigos: *“Mendicância... enquanto nossa sociedade puder manter nossas ruas livres de mendigos terá ela assegurado sua existência, quando assim não mais acontecer, estará próximo seu fim.”*⁸⁷

Estas campanhas estavam articuladas a nível nacional e estadual com o projeto normatizador de Getúlio Vargas e Nereu Ramos respectivamente, de acordo com Cynthia Campos: *“o grande investimento na rede escolar catarinense, foi, assim, relacionado ao*

⁸⁵ Linhares, Maria Yedda. Silva, Francisco Carlos Teixeira da. TERRA PROMETIDA - Uma História da Questão Agrária no Brasil. Campus, 115.

⁸⁶ Jornal Guia Serrano, 1942, n°. 390.

⁸⁷ Jornal Região Serrana, 05.03.1952.

crescimento das preocupações do Estado e da sociedade em criar, ampliar e diversificar instituições tais como asilos, prisões, hospícios, casas para menores e regulamentar os prostíbulos". As ações disciplinarizadoras da cidade atribuiu segundo Cynthia Campos, "*um novo significado a miséria, condenando os desempregados, inconformados e desadaptados que vagavam pelas ruas*".

Serviços de Assistência Social, ajudavam a "melhorar o aspecto da cidade", como a Associação Santa Isabel, o Asilo Vicentino, e a ALAN, esta última solicitava através dos jornais que as pessoas não dessem esmolas e sim, contribuíssem com a ALAM (Associação Lajeana de Assistência aos Menores), sendo que para esta "*a prefeitura concedeu a partir de 1957, uma subvenção anual de dez por cento sobre a taxa de assistência social, para que construísse a vila esperança, patronato de menores abandonados*"⁸⁸. Naquele período, a administração pública respondia aos apelos dos jornais, e conseqüentemente de alguns moradores, sobre o problema da mendicância, a doação de terrenos para a fundação de órgãos assistencialistas, amenizava nas ruas da cidade a permanência de mendigos e esmoleiros. Em 1940, fez a "*doação de terreno para a Conferência Vicentina situada na zona C. Urbana no local denominado Brusque, afim de, no mesmo, ser construído o Asilo de Mendicidade*".⁸⁹

A partir da década de 50, começavam a serem desenvolvidas em Lages campanhas assistencialistas, a administração pública concedia terrenos para implantação de locais de recolhimento de menores, iniciando com isso uma "limpeza" na cidade em 1952,

"O executivo municipal autoriza a doação ao serviço de assistência de menores mantido pelo governo federal, a área de um milhão de metros quadrados, pertencentes ao patrimônio municipal (...) para aí ser fundada uma colônia destinada ao internamento de menores

⁸⁸(Lei n°. 158 23/12/57)

⁸⁹(Dn°. 11.19.07.40)

abandonados e delinquentes.”⁹⁰

Em 1938, a Associação Beneficente Santa Isabel ganha um terreno de “3,745m² esse terreno se destina à construção de moradias aos indigentes e será concedido enquanto a referida associação estiver preenchendo as suas finalidades”.⁹¹ Tais finalidades pretendiam amparar os “indigentes” que freqüentavam as ruas da cidade, e que segundo alguns jornais evitava que a mendicância se torna-se uma prática constante em Lages.

Em 1948 é a vez da Mitra Episcopal de Lages, ganhar um terreno para “construção de uma capela e um orfanato”. Tais medidas, ajudavam a sanear o perímetro urbano da cidade. A presença da população pobre nas ruas da cidade, precisava ser combatida, “os *desqualificados sociais*”,⁹² deveriam ser atendidos e regenerados, pela caridade da população.

Em 1949 a SLAN (Sociedade Lageana de Assistência aos Necessitados), ganha na Várzea um terreno do Patrimônio Municipal “para a construção de um refeitório e casas de moradia para os seus socorridos”.⁹³

Para o Estado Novo, “*a menina dos olhos era a classe operária. Sem o seu concurso, isto é, sem a sua dominação, ficava impossível cimentar as bases da nova sociedade e do novo Estado interligados.*”⁹⁴ Naquele período, “*acreditava-se que o trabalhador era revoltado e preguiçoso, pelas más condições de vida. A promoção da casa própria era*

⁹⁰(lei n.º 28 5 junho 52)

⁹¹ (Dn.º 46 02.06.38.)

⁹² Kupka, Roselane. Tensões e Imagens. “Esta autora analisa práticas de saneamento em Florianópolis, onde os pobres são denominados pelo poder público daquela cidade como os *desqualificados sociais*”.

⁹³ (Lei n.º 60 29.08.49).

⁹⁴ Lenharo, Alcir. Sacralização da Política. Campinas. SP Papiru, 1986, p. 23.

também uma forma de promover o apoio à família".⁹⁵ Esta campanha pela casa própria é promovida em Lages, pelo poder público sancionando leis que a regulamentava. Caracterizava também em Lages campanhas pela casa própria, como parte dos programas federais de *"apoio ao trabalhador. Duas vezes por ano, entrarão em concorrência pública terrenos do Patrimônio Municipal, para a construção da "Casa Própria", que só poderão ser arrematados por pessoas que não possuam bens imóveis"*.⁹⁶

Em 1952, o então prefeito, Osni de Medeiros Régis, sancionou uma lei de doação de terras para a Fundação da Casa Popular:

"Fica o Executivo Municipal autorizado a doar, mediante escritura pública, à Fundação da Casa Popular, com sede na Capital da República, até a área de cem mil metros quadrados, (100.000m²) de terreno pertencente ao Patrimônio Municipal, para nela serem construídas casa populares e outras obras de caráter social ou de interesse para a coletividade".⁹⁷

Em acordos assinados com outros órgãos iniciava em Lages projetos de construção de "vilas populares" como o acordo firmado com a Caixa Econômica Federal de Santa Catarina onde a prefeitura *"cedeu 100 lotes pertencentes ao Patrimônio Público."*⁹⁸. No mesmo dia, o prefeito alienou mediante concorrência pública 40 terrenos do patrimônio Municipal, para a construção da *"Casa Própria."*⁹⁹

Estes aspectos demonstram também, o quanto a cidade de Lages em meados deste

⁹⁵ Lenharo, Alcir. Sacralização da Política. Campinas. SP: Papyrus.1986, p.61.

⁹⁶(Decreto n.º 15 de 25.05.48.)

⁹⁷ Livro de Atas da Prefeitura do Município de Lages (Lei n.º 29 05.06.52)

⁹⁸ Livro de Atas da Prefeitura do Município de Lages (Lei n.º 45 22.11.51)

⁹⁹ Livro de Atas da Prefeitura do Município de Lages (Lei n.º 49 22.11.51)

século estava envolvida nos projetos de políticas sociais desenvolvidos no país. O envolvimento, com a participação nas mudanças realizadas no restante do país, pode também ser percebida em Lages nos projetos de intervenção urbana, caracterizado por uma mudança significativa na arquitetura, visível nos projetos de construção de casas e prédios inspirados no estilo “art decô” (arte decoração), que representava embelezamento e monumentalidade, fachadas mais limpas, sem o uso exagerado de objetos, representava imponência, e descrição. Este estilo é usado para fortalecer a idéia de um governo centralizador como pretendia o governo de Vargas. É significativo o número de prédios neste estilo arquitetônico construído em Lages naquele período.

O “art decô” também classificado como uma arquitetura “moderna-classicizante”, também caracterizado por apresentar –se como monumentalidade, segundo Leila Diegoli, em uma análise que faz deste estilo arquitetônico em São Paulo, observa que “o art decô, talvez fosse para celebrar um novo regime que tentava construir uma imagem de modernidade” por isso encontrou muitos adeptos no Brasil. O estilo arquitetônico era novo e apresentava no período características racionalistas e inovadoras se comparado com as obras ecléticas do período, mas embora apresentando tais mudanças, não representou um total rompimento frente a produção corrente.

Este aspecto, segundo a autora, “*assemelhava o estilo arquitetônico com às posturas de um Estado Conservador que buscava construir um país moderno.*”¹⁰⁰

Em Lages muitos prédios foram construídos nas ruas centrais da cidade. Com as esquinas arredondadas, os prédios de dois a três pavimentos, alguns mantidos ainda hoje, são deste estilo arquitetônico.

¹⁰⁰Diegoli, Leila Regina: *Arquitetura Oficial e o Estado Novo* (p.46-53). In: *Cidade*, Ano 3 /Set. 1996, São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1996, p.136.

Isto demonstra que as informações as tendências, a moda, padrões de comportamentos, de moradia, de urbanização que estavam sendo lançados no país, chegavam também a Lages. Desde o século passado, as elites locais tinham a possibilidade de freqüentar grandes centros, era muito comum esta elite fazer viagens para outros locais entrando em contato com novos produtos, valores e comportamentos.

As famílias ricas mandavam seus filhos estudarem em outras cidades, principalmente em Florianópolis e Rio Grande do Sul, muitas vezes em busca de profissões que garantissem seus status sociais, como médicos, e principalmente advogados. *“Algumas famílias lageanas mandaram suas filhas estudar no Colégio São José, também de São Leopoldo, regido pelas Irmãs Franciscanas.”*¹⁰¹

As elites da cidade procuraram reproduzir junto aos seus filhos e filhas os padrões exigidos pelo seu grupo social, formas de se distinguirem enquanto classe era através da escolarização de seus filhos:

*“Assim, então, a educação escolarizada passa a ser o principal veículo de manutenção do padrão social desejado. Viagens para as grandes capitais do País- Florianópolis , Porto Alegre e Rio de Janeiro, tornavam-se demonstrativo de distinção social.”*¹⁰²

Élio Serpa, em seu trabalho sobre as sociabilidades e a normatização das condutas em Lages durante a primeira República identifica as elites locais através dos nomes e ocupação profissional que desempenhavam na cidade ... *pelos nomes que se projetaram na sociedade local, como sendo fazendeiros, comerciantes, altos funcionários públicos e*

¹⁰¹Costa, Licurgo. O Continente das Lagens.

¹⁰²Serpa, Elio. A Reformulação das condutas e das sociabilidades durante a Primeira República, (p.13-27), In: Revista da Memória, Fundação Cultural de Lages, 1996.

profissionais liberais.¹⁰³ Embora lembre este autor que ao defini-la assim, corre-se o risco de deixar de lado pessoas, eminências pardas, que por vezes, exercem mais poder do que aqueles que efetivamente estão no exercício de uma função pública.

Élio Serpa fez um estudo da elite serrana no final do século passado. Naquele momento, analisado por este autor a “família Ramos se destacava” no cenário político econômico e social, como atores principais da cena pública na cidade. Entre as décadas de 40 a 60 do século XX, é possível perceber que praticamente as mesmas famílias se mantiveram no poder político e econômico da cidade, conseguiram reproduzir seus valores, e seus interesses junto aos filhos e filhas, garantindo e ocupando os mesmos cargos e espaços na cidade, evidentemente que o contexto se modificou, as problemáticas da cidade eram outras. Mas, os personagens da esfera política no município também eram descendentes daqueles analisados por Serpa, contudo porém se mantinham os membros da mesma família Ramos.

Tais mudanças nas problemáticas da cidade, demonstravam que eram as aspirações e desejos das elites, dotadas de oportunidades de frequentar outros centros e com isso terem outros referenciais de cidade e comportamentos, que foram também responsáveis para as mudanças efetivadas na cidade de Lages. Portanto, a partir da análise dos jornais, parece possível afirmar que não só a cidade com suas ruas, praças, construções, remodelações eram descritas e enfocadas nas suas colunas, mas também os comportamentos e as condutas passaram a ser amplamente vigiados e idealizados.

Desta forma, ao analisar os jornais se percebe que estes órgãos eram um dos meios

¹⁰³ Serpa, Elio. A Reformulação das condutas e das sociabilidades durante a Primeira República(p13/27) In, Revista da Memória, Fundação Cultural de Lages, 1996

encontrados pelas elites da cidade de Lages, para divulgar seus projetos e modos de vida, constituindo-se, portanto, em um espaço de debates de relações políticas, econômicas, de gêneros e de classes sociais.

Assim, os jornais se tornam uma importante fonte de pesquisa, “*o jornal atua ao mesmo tempo na esfera pública e na esfera privada, desempenham um papel singular na história. Sua importância para o conhecimento do passado é hoje incontestável.*”¹⁰⁴ Analisar os ideais e as práticas políticas dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Muitas vezes grupos, por interesses se aproximam e se distanciam segundo conveniências do momento; os conflitos desencadeados que pretendem efetivar diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa toda a sociedade. É no confronto das falas, que exprimem idéias e práticas sociais, que o pesquisador pode captar, com riqueza de detalhes o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.

Em seu livro sobre a Imprensa e a História do Brasil, Maria Helena Capelato, chama a atenção sobre a interpretação do que ficou registrado na imprensa, para ela ao pretender tratar os jornais como documento, portanto, detentor de certas “verdades”, observa o cuidado que se deve ter com tal fonte principalmente para compreender a intencionalidade do registro. Para esta autora:

“o documento é resultado de uma montagem, consciente ou, inconsciente da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou

¹⁰⁴ Capelato, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil* - São Paulo: Contexto/EDUP, 1998, p. 20.

manipulado. Esse produto resulta de relações de forças conflitantes e do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem da sociedade”

Entre 1940 a 1960, os jornais que circulavam na cidade representavam os interesses de grupos religiosos ou políticos e eram um meio de divulgação das idéias e ideais destes grupos que integravam a elite econômica e política do município. Na década de 40, o principal jornal que circulava em Lages era o Guia Serrano:

“ Guia Serrano foi criado para ser um instrumento de orientação e veiculação das idéias religiosas, portanto sendo um jornal que travava uma luta contra o comunismo, a maçonaria e o espiritismo, contra tudo que fugisse dos parâmetros da Igreja Católica Tradicional.”¹⁰⁵

No Jornal Guia Serrano as campanhas condenando o espiritismo, chegavam a solicitar atitudes coercitivas das autoridades:

“São impressionantes a proliferação de curandeiros e a exploração do espiritismo metido ‘a remédio infalível para a cura de todos os males’ (...) Espiritismo e macumba são a nossa vergonha. Se as autoridades não tomam providências enérgicas, se os católicos continuam a patuar com a superstição ...ai de nós!”¹⁰⁶

Em 1951, o Jornal da Serra passou novamente a ser editado. Na primeira página deste novo período de circulação, havia uma justificativa dizendo quais eram as verdadeiras intenções do jornal, que pretendia se aproximar do “povo” e ser seu “porta-voz”:

“Jornal da Serra começa hoje a ser editado, jornal nascido do povo, viverá para expor as necessidades deste mesmo povo e profligar toda e qualquer atividade e pressão de autoridades que visem prejudicar o povo desta região. Será o arauto dos anseios dos habitantes da serra. Dirá, sem temor algum, alto e em bom tom, das suas aspirações, dos seus desejos. Vigiará o andamento dos serviços públicos e chamará para que funcionem eles de maneira rápida, justa

¹⁰⁵Peixer, Zilma. *A Princesa da Serra*. In: Revista da Memória.

¹⁰⁶(27.11.1941)

e honesta.

‘Jornal da Serra’ estará sempre alerta para dar conhecimento ao público daquilo que toca de perto e diz respeito a este mesmo povo. Será o defensor dos pobres inocentes, perseguidos por autoridades e ‘pseudas-autoridades’, de infelizes indigentes que, doentes, procuram remédios e não os encontram junto a certos poderes públicos; de pequenos funcionários removidos, quando não exonerados; para que a lavoura, a pecuária e a indústria e o comércio sejam auxiliados. ‘O Jornal da Serra’ será a voz do povo da zona serrana.

*Não restringirá seu campo de luta - pois todo o verdadeiro jornal está sempre em luta pelos interesses do povo que o estenderá a toda a região compreendida pela serra’.*¹⁰⁷

O jornal Região Serrana era de propriedade de Aristiliano Ramos, este jornal “*não fugiu ao figurino em voga e seus números são uma antologia de agressões aos adversários.*”¹⁰⁸ Aristiliano Ramos era partidário da UDN e se utilizava das páginas do seu jornal para discutir com seu primo e adversário político Vidal Ramos. Este aspecto muito comum no período, era utilizado para combater e condenar a administração do adversário e seus correligionários.

Como lembra Capelato sobre os personagens que produzem o jornal, “*cabe ao historiador não se deter apenas em questionamentos sobre a veracidade dos fatos nos jornais contidos, mas sim “procurar saber”: quem produziu o jornal? Para quem? Como e quando? (...) Seus proprietários e redatores traduzem seus projetos e interesses sociais’*”

Muitas vezes, a Região Serrana e mesmo, o Guia Serrano e o Correio Lageano, eram espaços de reivindicação de calçamento nas ruas, abastecimentos de água e instalação de energia elétrica, com ataques diretos ao prefeito. Eram portanto, espaços que pretendiam demonstrar o quanto a cidade estava necessitando de urbanidade e de civilidade.

“Crítica ao prefeito e as suas promessas não cumpridas.

¹⁰⁷ Jornal da Serra(19.07.1951)

¹⁰⁸ Costa, Licurgo. *O Continente das Lagens.*

*“Não há uma só rua que se possa apresentar ao forasteiro, tal o estado de buraqueira, lama, valetas entupidas e tudo mais que se segue. Nem as próprias ruas calçadas estão em condições, pois o calçamento se apresenta cheio de buracos e com verdadeiros trampolins ótimos pra quebrar molas de automóveis.”*¹⁰⁹

Assim, como em outros momentos utilizados para legitimar e elogiar as ações administrativas:

*“Em fins de janeiro próximo findo tiveram início os trabalhos de ampliação e embelezamento da antiga rua Marechal Floriano, a qual será transformada numa linda avenida ajardinada. Uma vez concluído esse serviço, será feito o mesmo na avenida 3 de Outubro, ficando assim, as ruas chaves da cidade, respectivamente sul e norte, com melhor e um mais bem apresentável aspecto, graças a operosidade incansável do nosso digno edil”.*¹¹⁰

Estes discursos demonstram que a imprensa em Lages, especificamente no período que centro minha pesquisa, tinha falas contraditórias, e fazia transparecer suas contradições nas páginas dos jornais. Contudo, porém a contradição nos discursos produzidos pelos jornais possibilita perceber diferentes visões de cidade, diferentes projetos que se pretendiam viabilizar. Serviam também para difundir anseios e aspirações e idealizações do viver na cidade, definidas por alguns grupos e estes às elites econômicas e políticas do município.

Estes jornais dividiam-se entre favoráveis e contrários à administração municipal, dependendo dos grupos que estivessem administrando a cidade. Os jornais tinham seus posicionamentos. Desta forma eram percebidos, pela imprensa local, sinais visíveis de progresso e modernidade. Onde muitas vezes, os jornais chamavam a atenção para construções novas que eram feitas, para que se observassem as reformas e pavimentação de ruas e praças. Estas indicações apareciam como signos do progresso vivenciado pela cidade.

“São edifícios novos que surgem... são ruas novas que se abrem... são pavimentações

¹⁰⁹Jornal Região Serrana, 1952, 13/12 n.º 332)

¹¹⁰Jornal Guia Serrano, 1942, 08/02 n.º 389)

que avançam conquistando novas vias públicas... são inovações múltiplas que surgem em todo o campo material em benefício do povo”...¹¹¹

Na mesma proporção que apareciam notas indicando progresso e modernidade eram produzidos discursos que acusavam a presença de sinais de atraso, de não civilidade. Estes personalizados na presença de mendigos, de crianças na rua, não eram interpretados como problemas sociais que necessitassem uma maior atenção do poder público, apenas eram tidos como “aspectos” que envergonhavam a cidade, necessitando serem retirados dos olhares incomodados com suas presenças.

As críticas quanto ao que consideravam atraso, transparecia também na demora com a pavimentação e conclusão de obras, aspectos que necessitavam de ações administrativas que os solucionassem, pois eram tidos como problemas que necessitavam de ações mais diretas do poder público. Como a nota a seguir, que pede providências para a conclusão do calçamento de uma rua central da cidade. Utiliza-se da “demora” na obra para comparar o atual prefeito com o seu antecessor, evidenciando o posicionamento favorável do jornal por seu candidato:

“O prefeito Osny Regis, para sua gestão de um ano e meio calçou a rua Benjamim Constante, proximidades da catedral e está calçando a Rua Emiliano Ramos. As obras seguem em marcha lenta, numa demorada continuação daquele empreendimento de Vidal Ramos Júnior que a realizou em boa hora e em ritmo mais acelerado. Vidal Ramos efetivamente dedicou-se muito mais a fundo e com muito mais interesse ao calçamento do que seu substituto e as obras realizadas em seu tempo apresentavam avantajadas condições técnicas...”¹¹²

Ao analisar os discursos produzidos pela imprensa, *“as incoerências nos depoimentos e as falas contraditórias permitiram reconhecer diferentes visões, versões, representações ou*

¹¹¹ *Jornal Região Serrana (1952)*

¹¹² *Jornal Correio Lageano, 1952. 09.07*

*projetos de cidade distintos...*¹¹³

Muitos discursos e idealizações de cidades ficaram registradas em páginas de jornais, a imprensa é um demonstrativo da dinâmica social vivenciada na cidade durante aquele período. Sujeitos sociais definidos, as imagens que as elites tinham do outro, o “outro” que eram os mendigos, os mercadores, operários, quitandeiras e as imagens que pretendiam construir de si, procurando se distinguir e diferenciar de outros grupos. *“Os jornais locais, ligados a grupos políticos e/ou religiosos trazem à tona a percepção destes grupos integrantes da elite política e econômica do município...”*¹¹⁴

Quem governava a cidade, também projetava seu futuro. Em 1938, o prefeito Indalécio Arruda, ao assinar um decreto frisava o desenvolvimento de Lages *“considerando que a sede do município é e será o centro comercial e cultural de uma vasta zona da região serrana. As leis que regiam o município naquele período também pretendiam modificar aspectos da cidade e conseqüentemente de seus moradores, regulamentando construções no perímetro urbano.”*¹¹⁵

Eram vinculados ideais de cidade . Observa-se que na perspectiva de alguns grupos, Lages crescia. A propaganda de que Lages era uma cidade próspera transpunha fronteiras, seu Jaime lembra que sua família veio de Florianópolis em pau-de-arara:

“Eu tinha 8 anos, nós viemos comendo farofa de galinha na viagem, a viagem era muito longa naquele tempo sabe, basta dizer que nós saímos de Florianópolis de manhã, de madrugada. Chegamos em Bom Retiro à noite, quase noite, de tardezinha. Depois, saímos no outro dia de madrugada também pra chegar aqui lá pelas 4 horas da tarde. Levava dois dias, então descia

¹¹³ Campos, Cynthia Machado. Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1945) Dissertação Mestrado História, PUC/SP, 1992.

¹¹⁴ Peixer, Zilma. A Princesa da Serra.

¹¹⁵ Decreto 1938, nº. 53.

¹¹² Jaime Garbelotto: Entrevista realizada em 1996.

*na estrada. No meio da estrada. A refeição da gente era farofa de galinha.*¹¹⁶

Seu Jaime ri ao lembrar da viagem, tanto esforço para começar vida nova em uma cidade desconhecida, eram os sonhos por melhorar de vida que motivaram os pais de seu Jaime. Eram as propagandas de garantia de trabalho que trouxeram inúmeras famílias de outras regiões do estado para Lages.

Nos jornais freqüentemente apareciam notas que pretendiam demonstrar que Lages era uma cidade moderna, buscavam nas transformações do urbano elementos que pudessem resignar à modernidade, como a nota do jornal Região Serrana: *“São edifícios novos que surgem... são ruas novas que se abrem ...são pavimentações que avançam, conquistando novas vias públicas... são inovações múltiplas que surgem em todo o campo material em benefício do povo.*”¹¹⁷

Assim como a maquiagem é utilizada para reforçar aspectos do rosto, para embelezar, festejar ou fantasiar momentos. É também utilizada para comemorar, enfeitar adornar e diferenciar as faces, são retoques superficiais, que pretendem valorizar alguns aspectos e disfarçar outros. Assim como nos rostos, nas cidades penso ser possível dizer que ela também é utilizada, as administrações públicas, muitas vezes maquam a cidade, imprimem retoques superficiais, que pretendem representar seus projetos e suas idealizações do viver urbano. Onde aparece Lages se construindo enquanto cidade, seja através de condutas que precisavam ser modificadas e/ou copiadas seja através de projetos administrativos que precisavam ser implantados, materializando assim ideais de cidade.

Ou como se referiam os jornais sinais de modernidade, *“a modernidade apresenta um*

¹¹⁷ Jornal Região Serrana (n.º. 3441, 28/02/1955)

*caráter ambivalente, o caráter simultâneo de utopia e de mito, de promessa e de infernalidade.*¹¹⁸

Nesta perspectiva os projetos que pretendiam modernizar a cidade, elegeram símbolos para se autodefinirem, estes símbolos foram constantemente substituídos, modificados, demonstrando que o moderno segundo o conceito analisado em Walter Benjamin, *“contém em si as marcas de sua substituição, tem a característica de não permanência, de constante mudança, portanto não é estático e nem mesmo permanece.”*¹¹⁹

A cidade se constitui como o espaço da concretização de projetos políticos e econômicos, sua sala de visitas a área central, não poderia jamais apresentar sinais de envelhecimento, o moderno naquele contexto significava inovação, remodelação e normatização das condutas, projetos que demonstravam a interferência de diferentes discursos sobre um mesmo assunto, a urbanização da cidade. A implantação e o sucesso destes projetos implicava não só remodelar a cidade mas, e, principalmente garantir que o morador estivesse adequado á mudanças propostas.

¹¹⁸ Rouanet, Sérgio. Concepção de Modernidade em Walter Benjamin

¹¹⁹ Rouanet, Sérgio. Concepção de Modernidade em Walter Benjamin

As memórias na cidade
Simbolos de urbanização

“A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada seguimento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”¹²⁰

Os discursos de modernidade e progresso, presentes nos jornais da cidade de Lages, começaram a ganhar formas, e a se materializar, através dos projetos administrativos.

As cidades poderiam ser definidas como o lugar onde se realiza as materializações dos sonhos, sonhos de morar, viver, trabalhar, sonhos de progresso e de melhoria de vida. Nas cidades os sonhos se materializam no concreto, no asfalto, no paralelepípedo, nas fachadas e interior das casas, nas remodelações de ruas e praças, e na medida que se materializam, demonstram visões de mundo, interesses econômicos, relações de poder.

Para que os sonhos se materializem, muitas vezes as cidades, são também projetadas e idealizadas, nas pranchetas e nos gabinetes, seja por técnicos ou por burocratas, é nesses espaços que as cidades vão ganhando ou perdendo forma.

Em 1940, Lages era novamente administrada por Vidal Ramos Júnior membro de uma família da elite econômica e política da cidade, *“De 1941 a 1961, Vidal Ramos Júnior*

¹²⁰Calvino, Ítalo. *As cidades invisíveis*, (1990,14/15)

*exerceu o cargo de Prefeito de Lages durante cerca de quinze anos.*¹²¹ Nesta gestão, sua administração se caracterizou por profundas remodelações na área Central, como observa Licurgo Costa sobre a administração de Vidal Ramos Júnior:

*“Como administrador marcou sua passagem pela Prefeitura com o início do calçamento das ruas da Cidade; construção de um novo Mercado (1944/45); abertura das avenidas 3 de Outubro, atual Presidente Vargas e Floriano Peixoto; remodelação do jardim Belisário Ramos e da Praça Vidal Ramos Sênior; abertura de diversas estradas municipais. Retificou o Rio Cará e construiu sobre ele 11 pontes; promoveu a construção do núcleo residencial da Fundação das Casas Populares, no Bairro da Várzea; a construção do Estádio Municipal que passou a ter o seu nome; Maternidade Tereza Ramos; Escola Agrícola Caetano Costa...”*¹²²

Estas obras contribuíram para as remodelações na cidade, concretizando alguns projetos, ao analisá-los percebe-se que o espaço se constitui como o lugar de relações sociais, culturais, econômicas, de luta, de resistência.

Estes elementos contribuem para perceber que a cidade é um espaço de disputas e exteriorização de poder, na medida em que as transformações e remodelações efetivadas pela administração municipal transformavam seu cotidiano, materializando através das remodelações das ruas e praças, os seus projetos de modernização para estes espaços como também para seus moradores.

A cidade ao mesmo tempo em que é pensada e idealizada, se faz no cotidiano de seus moradores, no embate diário entre forças que se opõem, onde os discursos que a descrevem as leis e ações administrativas que interferem no seu traçado, convivem com práticas cotidianas que não se moldam, que persistem através do tempo e do espaço da cidade, como observa Marcelina Almeida *“acreditamos que as cidades se revelam também através dos prédios, ruas, esquinas e monumentos, componentes da estrutura urbana que ajudam a desvendar as*

¹²¹Costa, Licurgo. O Continente das Lagens.

¹²²Costa, Licurgo. O continente das Lagens.

nuances das intenções sob seu traçado".¹²³ Para esta autora, *“o poder costuma se configurar e se configura, nos lugares e na arquitetura que compõem o cenário da cidade”*.

Em Lages a administração de Vidal Ramos Júnior se caracterizou também pela insistência em utilizar os espaços públicos da cidade para construir na sua história a memória de alguns homens, pertencentes as elites econômicas e políticas. A remodelação das praças acompanhado pela troca dos nomes das ruas , demonstra as tentativas em forjar e reforçar memórias, criando na cidade estes “lugares de memória”, como observa Pierre Nora: *“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais”*.¹²⁴

A construção da memória urbana começou a ser desenhada em Lages. Era necessário perpetuar na cidade os nomes daqueles que foram pelas circunstâncias figuras de destaque na vida econômica e política do município. Propositamente foi iniciada a troca de nome das principais ruas e praças da cidade, a troca do nome da rua 15 de Novembro importante rua comercial na cidade, para rua Nereu Ramos; da Praça do Mercado, para Praça Vidal Ramos Sênior, da Praça João Pessoa para João Costa. São também exemplos de que os espaços públicos eram utilizados pelas elites políticas e econômicas como espaço de construção de memórias. Mudando também o significado destas memórias, assim, a memória dos lugares, do vivido, do trocado e partilhado dos lugares de convívio e sociabilidade, davam lugar a memória dos nomes, dos homens, das elites.

No Jornal Guia Serrano transparecia o entusiasmo por tais medidas, interpretadas

¹²³Almeida, Marcelina das Graças. A catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição. In: BH Horizontes Históricos. Arte. Belo Horizonte, 1996 p.239.

¹²⁴Norra Pierre. Os lugares de Memória, 1993, p.13.

como uma homenagem e reconhecimento ao trabalho destes homens:

*“Perpetuados os nomes de três ilustres catarinenses: (troca do nome das ruas), Rua 15 de Novembro - Nereu Ramos. Rua Ministro Toledo, também conhecida Getúlio Vargas, chamar-se-á Rua Gov. Jorge Lacerda. Praça da Bandeira - Dep. Leoberto Leal. O gesto da municipalidade é um feito de gratidão a estes saudosos homens que trabalharam em prol do progresso da nação e em particular pela terra de Correia Pinto”.*¹²⁵

Segundo Sérgio Paulo Rouanet, em uma análise que faz do flâneur descrito por Walter Benjamin, Rouanet observa que “é nos nomes que está a magia da esquina: intersecção de nomes e não de ruas”.¹²⁶ Ao mapear-se as ruas centrais de Lages é possível perceber este encontro de nomes masculinos nas ruas e nas esquinas, rua Correia Pinto se encontra com rua Nereu Ramos, que se encontra abaixo com a rua Manoel Thiago de Castro, acima com a rua Frei Rogério, Rua Nereu Ramos que liga as praças Vidal Ramos Sênior, João Costa e João Ribeiro. Este aspecto demonstra também que estava se construindo uma memória urbana masculina, onde aparentemente só os homens participavam da esfera pública.

Rouanet lembra ainda que: *“os nomes só atingem toda sua concreção quando se desvinculam dos objetos nomeados, passando a aparecer como nomes em si.”* Este autor lembra que o “flâneur” faz uma crítica a proposta de tornar mais casta a nomenclatura.¹²⁷

Os homens que administravam Lages e controlavam a informação através dos jornais, pois eram seus proprietários, construíram memórias de seus grupos, as praças a partir da década de 40 ao que parece passaram a ser tratadas “como as salas de estar da cidade”, cada

¹²⁵Jornal Guia Serrano (06/12/1966, p.01)

¹²⁶Rouanet, Sérgio. Concepção de Modernidade em Walter Benjamin.

¹²⁷Rouanet, Sérgio. Concepção de Modernidade em Walter Benjamin.

grupo tentando imprimir nestes espaços suas figuras, seus personagens. Remodelando-as, modificando seus traçados, seus usos, fixando tais personagens nos espaços das praças, demonstra que pretendiam demarcar, construir e reforçar as memórias de seus membros.

As relações de disputa sobre a memória urbana é trabalhada por Vera Chachan na análise que faz sobre a cidade de Belo Horizonte, a autora observa que:

*“A memória urbana torna-se então, algo em disputa, na medida em que, se a memória dos lugares perdidos trabalha buscando e selecionando origens e identidades, as novas perspectivas que impõem já procuram construir uma determinada imagem durável, também uma memória para a cidade e, sobretudo, destroem concretamente os seus lugares antigos. Acabando por tornar concreto o seu próprio discurso”.*¹²⁸

As formas encontradas pela administração municipal para construir seus heróis do passado, procurava oficializar na cidade as memórias dos políticos e homens públicos, que, se não administraram a cidade, estiveram diretamente relacionados a estes. Estas medidas para a construção de memórias através da troca da nomenclatura de ruas e praças, demonstra que a cidade era pensada, e projetada tendo em vista construir uma memória urbana sobre a cidade.

Outra maneira usada para valorizar estes homens, foram as colocações de estátuas de bronze nas principais praças da cidade, assim como observa Carlos Faria, sobre os monumentos belorizontinos o autor lembra que, *“podemos descongelar do bronze e do granito um rico material de análise.”* Para Carlos, estas figuras paralisadas guardam em sua cristalização todo o movimento social e político.¹²⁹

Eram monumentos para fazer lembrar um passado, resignificando através destes símbolos as suas histórias, oferecendo a durabilidade da memória deste homens, ou pelo

¹²⁸Chacham, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas – a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40 . In: BH Horizontes Históricos.

¹²⁹Farias, Carlos. A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social análise dos monumentos belorizontinos aos Inconfidentes, 1996, p. 289.

menos da sua imagem.

A verificação etimológica da palavra “monumento” demonstra sua significação, segundo Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória*, “a palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recorda’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *Monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação...”¹³⁰

Em Lages os monumentos postos em praça pública eram erguidos, como se fossem anseio de todos os moradores da cidade, segundo Carlos Farias:

*“Os monumentos, entretanto são imagens e referências do passado construídas para o futuro pela interferência do poderio público. Não podemos, portanto, julgá-los como imagens referências coletivamente instituídas, posto que sua intencionalidade tem, normalmente, origens na administração pública, cuja representatividade (quando existe) não deve, analiticamente, fundir suas ações e propósitos aos de toda a sociedade.”*¹³¹

Foram inaugurados diversos monumentos na cidade, com destaque inclusive para a presença dos homenageados, como na inauguração da estátua de Nereu Ramos onde o próprio homenageado se fazia presente. Para concretizar a homenagem foi escolhida o centro da Praça João Costa, esta praça se constituiu desde a fundação da Vila como um espaço de sociabilidades, e circulação de pessoas visto que, esta praça está na confluência de importantes ruas comerciais. A colocação de uma estátua a Nereu Ramos, considerado por alguns grupos, como importante personagem da vida política catarinense, demonstrava de

¹³⁰ Le Goff, Jacques, *História e Memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1996.

¹³¹ Farias, Carlos. *A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social- análise dos monumentos belorizontinos aos Inconfidentes*, 1996, p. 289.

certa forma, qual é a que grupos pertenceria o passado que estava sendo legitimado em praça pública.

Em 1958, o engenheiro civil e urbanista Humberto Silva fez no Jornal Catarinense, algumas observações urbanísticas sobre a cidade de Lages, ressaltando em sua carta, a colocação do monumento à Getúlio Vargas na Praça João Ribeiro, em frente à Igreja Matriz. Para o engenheiro a escolha do local foi inadequada, pois de certa forma tampava outro monumento da cidade que era a Igreja. Assim o engenheiro e urbanista, descrevia a cidade:

Carta aberta ao Exmo. Sr. Vidal Ramos Júnior digníssimo prefeito municipal de Lages - Dr. Humberto Silva Eng. Civil e Urbanista: em visita a Lages.

“Notei um extraordinário progresso em todos os setores administrativos. Eu não poderia deixar de mencionar as novas e caprichosas casas residenciais, feitas com apurado gosto artístico; o Banco Inco, mais alto do que largo, o Ginásio Diocesano (...) até aí falou o modesto arquiteto e admirador do belo.

*Vem agora o urbanista lamentar que, a par dessas jóias de arquitetura, se construa na zona central da cidade, uma casa no meio da rua, quanto ao monumento do Presidente Vargas, não posso ainda dizer que não gostei; porque está em obra e não conheço sua maquete. Lamento porém, a escolha do local, que não poderia ser pior, pois vem tirar a vista de um dos maiores monumentos arquitetônicos do sul do Brasil; que é a Igreja Matriz de Lages, inteiramente construída de cantaria no arenito creme. Lages está crescendo a olhos vistos, mas precisa de um urbanista que entenda realmente da matéria, para evitar erros grosseiros como os acima citados”.*¹³²

O monumento a Getúlio Vargas está no centro da Praça João Ribeiro, o busto foi posto de “costas” para a igreja, pois segundo alguns depoimentos, pretendia representar as divergências políticas e ideológicas entre a igreja e alguns grupos políticos da cidade. Além deste monumento na parte central da Praça foram colocados quatro outros bustos, pretendendo homenagear: o médico César Sartori, o Bispo Dom Daniel, o advogado Thiago de Castro e o fazendeiro João Ribeiro, a exposição destes bustos parecem, guarnecer o

¹³²Jornal Catarinense, n.º 2034, 12/07/1958.

monumento central, demonstra também a diversidade de personagens em uma única praça. Parece que vários grupos se faziam representar por estes personagens.

Desta forma, as estátuas e bustos de bronze colocados nas praças centrais da cidade, demonstram também, estarem aliadas às decisões políticas e econômicas, os administradores interferem na imagem da cidade, forjam memórias resignificam personagens e transformam o espaço da cidade, segundo Ana Luiza Martins: *“O espaço da cidade é o instrumento ideal de exteriorização do poder. Aos governantes não bastam marcos edificadas, obeliscos de vitórias, edificações alusivas as sua gestões. Importa interferir na imagem da cidade, pois registram nela indelével a marca de sua perpetuidade.”*¹³³

*“Os ‘homens de bronze’ personagens fixos na paisagem das praças, sofrem a ação do tempo como lembra Carlos Farias ‘as faces brônzeas’ tornaram-se esverdeadas pela pátina. Estas figuras, com o passar do tempo quase ‘marcianas,’ podem perder seu contado com a Terra”.*¹³⁴

Sofrem também, a ação do esquecimento, se as administrações públicas ou os grupos interessados nessas memórias, não estiverem constantemente lembrando, reforçando e resignificando estes espaços e personagens para as novas gerações.

A cada página de jornal uma maneira e um interesse em descrever a cidade. Neles são intensificados discursos voltados para as questões urbanas chamando a atenção por exemplo para a pavimentação e limpeza das ruas, remodelação e embelezamento das praças,

¹³³ Martins, Ana Luiza. A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos: História e memória da cidade Paulista. In: Imagens da cidade séculos XIX e XX. Org. Stela Bresciani.

¹³⁴ Farias, Carlos. A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social- análise dos monumentos belorizontinos aos Inconfidentes, 1996, p. 289.

procurando demonstrar os sinais visíveis na cidade de mudança e progresso. O jornal Guia Serrano de 1942, destacava as mudanças que estavam sendo feitas na cidade:

*“A cidade foi dotada de mais um melhoramento com a inauguração de um ônibus circular, com lotação para 28 passageiros de propriedade do Sr. Waldemar Benthien. Neste mês teve início a reconstrução de um prédio de alvenaria do Sr. Otacílio Costa, uma construção a do prédio de propriedade do Sr. José de Melo César, também de alvenaria. Em fins de janeiro próximo findo tiveram início os trabalhos de ampliação e embelezamento da antiga rua Marechal Floriano a qual será transformada numa linda avenida ajardinada. Uma vez concluído esse serviço será feito o mesmo na Avenida 3 de outubro ficando assim, as ruas chaves da cidade respectivamente sul e norte, com melhor e um mais bem apresentável aspecto, graças à operosidade incansável de nosso digno edil”.*¹³⁵

Ainda assim, em notas se queixando da falta d’água, até mesmo o centro apresentava este problema:

*“Água para o Morro do Posto sobre os abaixo-assinados solicitando a extensão da rede de água para aquele populoso bairro. Todos os outros bairros e também o centro se ressentem da falta do precioso líquido, é muito comum o espetáculo quotidiano de empregadas e empregados dos prédios de apartamentos, saírem em busca de uma fonte abastecedora e voltarem com uma lata d’água na cabeça...”*¹³⁶

Eram as principais ruas que recebiam primeiro a pavimentação, nas praças do centro que a administração remodelava, transformava e interferia nas sociabilidades. *“O centro da vida urbana de Lages é a esquina da rua 15 de Novembro com a rua Correia Pinto e a Praça João Costa (...) os cafés situados nessa região merecem destaque quando se trata da vida urbana de Lages...”*¹³⁷

É interessante observar a insistência nos jornais, chamando a atenção para as novas construções, era através de um olhar estético que iam-se descrevendo as mudanças ocorridas na cidade. As descrições feitas eram idealizações de uma cidade observada na perspectiva de uma minoria. Como observa Roger Chartier, sobre as lutas de representação, diz o autor:

¹³⁵ Jornal Guia Serrano de 1942.

¹³⁶ Jornal Região Serrana (332, RS /1952)

¹³⁷ Peluso Júnior, Victor.

*“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos suas escolhas e condutas”.*¹³⁸

Através dos jornais, Lages crescia, se modernizava e tornava-se bela, no jornal Guia Serrano de 1958 a coluna Giro pela cidade, descrevia e elogiava as obras feitas pela administração municipal:

*“Inaugura a praça dos Bandeirantes, serão construídas a Joca Neves e Santa Cruz, os trabalhos de calçamento prosseguem, a Celesc está colaborando com a iluminação de praças e ruas dando outro aspecto a cidade. O novo prédio da Prefeitura continua em construção “assim a princesa da Serra vestirá manto novo”.*¹³⁹

As transformações que começaram a se efetivar, na cidade, parece que, procuravam romper com a antiga visão que “desqualificava” a antiga Vila. A partir dessa época, a elite procura romper com os padrões de beleza da cidade existentes até então, buscava-se romper com a imagem de cidade feia, pacata, a cidade, por exemplo descrita por um médico alemão, Ave - Lallemand, quando passou por Lages em 1858 e escreveu em seu livro suas impressões da Vila, partindo de seu olhar europeu: *“...Decerto se deve convir que é uma Vila, que tem ruas, duas ou três, até bastante largas e regulares. Mas falta-lhes na maioria, boa aparência”.*¹⁴⁰

Lages manteve as características de uma vila até meados deste século, para o viajante que aqui esteve Lages este aspecto desagradou seus costumes europeus. O médico observou até mesmo a ausência de utensílios de conforto na Vila:

*“Fogões de sala e lareiras não existem em Lajes. Só em quatro casas há cadeiras regulares. A grande maioria delas não possui vidraças nas janelas, mas, em lugar destas, os vãos. De dia ainda passa. Mas logo que o pôr-do-sol chega, a geada tudo se enroupa em mantos, tudo se fecha e, silenciosa e morta a vila parece extinta.”*¹⁴¹

¹³⁸ Chartier, Roger: A História Cultural – Entre práticas e Representações. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro

¹³⁹ Jornal Guia Serrano(n2960 08/07/58)

¹⁴⁰ Lallemand, Avé. Viagem pelo Sul do Brasil

¹⁴¹ Ibidem

Na conversa com seu Cristóvão ele lembra que seu professor no sítio contava como foram feitas as primeiras casas em Lages:

“Lages aqui primeiramente eu não conheci mas contava nosso professor as primeiras casas fundadas foi casa de capim, aqueles de massega aquela massega estaladera né então cortava assim amarrava assim com um barbante uma cordinha assim. E faziam, eu conheci aquelas casinhas de massega e não chovia dentro, foi fundado Lages com aquelas casinhas as primeiras casas que deu em Lages no princípio da cidade foi feito com casa de capim nos explicava nosso professor.”¹⁴²

No ano de 1938 no Decreto n.º 53 a prefeitura determinava os tipos de construções na “zona A” da cidade, e procurando modificar as fachadas das casa na área central nos artigos 11 e 12 da referida lei dizia que: “Na zona A é vedada a construção em madeira, no limite do quadro externo da edificação (...) não serão permitidas reformas em prédios cujos limites externos sejam de madeira”.

Medidas como esta de interferência por parte da administração municipal, visava regulamentar e homogeneizar as construções no centro da cidade.

Ao ser interrogado sobre as mudanças na cidade seu Cristóvão novamente lembra das histórias contadas por seu professor quando era criança no sítio, observa que a cidade mudou muito referindo-se as casas que foram construídas, em relação as que seu professor descrevia as críticas através dos jornais sobre as praças demonstra que haviam “campanhas” para que Lages tivesse grandes espaços de lazer, ao que parece comum a outros centros :

*“Em Lages Sr. Prefeito:
Um constante luto pede a publicação da nota seguinte:
O jornal do comércio do Rio de 21 de março publicou a seguinte notícia:
Dentro de poucos dias serão iniciados os trabalhos de construção da praça vestibular no*

¹⁴² Entrevista realizada em 1998.

*extremo leste de Caxias, fazendo a ligação da grande rodovia federal Porto Alegre - Rio de Janeiro, com a referida cidade. Será um logradouro público com uma área de 10.000 metros quadrados e que terá arborização diferente das demais; pois serão utilizados exclusivamente espécimes da flora rio-grandense (...) Senhor prefeito não poderíamos fazer o mesmo?*¹⁴³

Através de fotografias da cidade é possível perceber que aproximadamente na década de 40 a circulação de pessoas nas praças e ruas da cidade não era intenso. O que possivelmente incomodava alguns cronistas dos jornais que tinham acesso a informações de outras cidades, através de notícias que chegavam, através de viagens que faziam a outros centros. Estas observações demonstram que Lages estava pelos jornais da época sempre sendo comparada com outras cidades.

A memória sobre a cidade nem sempre corresponde a memória oficial, a interferência por parte do poder público na imagem da cidade procurando imprimir a memória, de alguns personagens, é reinterpretada pela memória das pessoas que conheceram e viveram em Lages entre 1940 e 1960.

A Praça João Ribeiro se constituiu durante os anos 40 em uma praça de lazer, de encontros para ouvir as retretas e bandas de música, nas tardes de domingo, bancos foram colocados o que possibilitou a introdução do hábito de permanecer nas praças, para conversar, antes ou depois da missa.

Seu Jaime lembra das atrações que eram apresentadas nesta praça: *“Eles faziam antes naquela praça lá de cima tinha o coreto né, coreto né na praça na ponta da praça que fica quase em frente a prefeitura, então ali se apresentava, tinha banda de música”*.¹⁴⁴

¹⁴³ Jornal Guia Serrano (04.03.1940/GS)

¹⁴⁴ Entrevista realizada em 1996.

Atrações também foram colocadas na Praça João Costa, esta praça aparece através dos jornais como sendo um espaço onde as mudanças de comportamentos, a moda, os costumes da cidade poderiam ser vistos. Constituiu-se em um espaço de referência na cidade, observada como um lugar onde as pessoas traziam para a cidade as inovações de outros centros, porta de entrada na cidade de transformações de comportamentos.

No jornal Correio Lageano de 1955, havia uma crítica à moda feminina “*em inovar o penteado, o mesmo ocorrendo com os homens, sugere perceber a Praça João Costa*”.¹⁴⁵

Além das descrições sobre as pessoas que freqüentavam esta praça os jornais mostram também críticas a algumas pessoas que ficam às portas das farmácias como sendo uma prática de atraso presente em Lages: “*À porta de certa farmácia, porque esses ainda é um do poucos ranços que Lajes conserva do seu provincianismo, discutiam-se as altas qualidades do partido majoritário...*”¹⁴⁶

Embora certas práticas na Praça João Costa fossem criticadas pelos Jornais, esta praça é referência para muitas pessoas que moravam em Lages seu Jaime lembra que iam assistir o noticiário da guerra em um telão colocado nesta praça em frente ao grupo escolar:

*“A única coisa que tinha aqui mas isso já durante a guerra né, mas pro final da segunda guerra mundial, tinha uma tela se colocava uma tela em frente da escola ali, numa daquelas paredes e passava filmes jomais sobre a guerra, chamavam de jornal de guerra. Era desses filmezinhos que passa no começo das apresentações de cinema né, então vinha um carro do Melhoral, desses comprimidos Melhoral, então pra fazer uma apresentação ele passava cinco seis jornais daquilo, sobre a guerra e tal o pessoal ficava vendo era uma das diversões que tinha né, era o cinema do Melhoral.”*¹⁴⁷

¹⁴⁵ Jornal Correio Lageano (27.05.54.)

¹⁴⁶ Jornal Região Serrana (02.02.47/RS)

¹⁴⁷Entrevista realizada em 1996.

Foram colocados também nesta praça no final da década de 40 alto-falantes chamados de “A voz da cidade” seu João Rath, um dos idealizadores se recorda como foi pensado este sistema de comunicação para cidade, ao falar do senhor Carlos Jofre, o idealizador da Voz da Cidade seu João lembra que :

“Ele espalhou 3 ou 4 alto-falantes e aqui na frente, nessa casa que tá bem na frente, onde agora ali na Gênova era uma casinha baixinha, ali onde tem a Gênova agora, era uma casinha baixinha. E essa do lado já tinha, era nova e funcionava a Coletoria Federal nela e a Coletoria Federal tinha alugado a metade da casa, a outra metade tava pra outro, um morador em cima e uma loja em baixo e a coletoria que ia ali embaixo e em cima tava vazio, não tinha ocupação nenhuma e o Ibraim Simão que era o coletor, cedeu pro Jofre a ‘água furtada’ em cima. Tinha uma janelinha lá então ele esticou os fios de lá, um alto-falante em cima na frente do café que é do Augusto aqui, outro mais ou menos aonde tá o deixa eu ver, mais ou menos o Unibanco, naquela divisa entre o Unibanco por ali e a outra lá na ponta, porque lá não tinha onde tá o edifício do Dr. Acácio, que tem a loja da Mondadori ali a Gemélia, ali era um muro, era vazio, então ali era o último alto-falante, agora parece que tem a farmácia Pilba ali.”¹⁴⁸

A programação da Voz da Cidade certamente proporcionou mudanças nas sociabilidades da cidade, seu João se recorda que era comum serem oferecidos recados amorosos entre moças e rapazes, transmitiam música, noticiários, divulgavam o comércio local, nessa época a voz que anunciava era a própria voz de seu João:

“Então além da publicidade comercial que a gente fazia, tinha essa renda extra da dedicatórias. Fulano oferece para sicrano com muito amor e carinho etc. e tal a música tal. A outra ia lá daqui a pouco e retribuía com igual carinho, etc. e tal. E assim a gente levava as noites. E essa voz durante muito tempo era minha, depois veio a guerra, e aí tinha as notícias, e as notícias de afundamento de navio, reunião de cúpula”.

Os entrevistados ao lembrarem suas vivências suas experiências nesta cidade o fazem a partir de estímulos externos a sua pessoa, era uma outra pessoa que os interrogava que instigava-os a lembrar muitas vezes o que estava sendo memorizado estava repleto de significações.

¹⁴⁸ Entrevista realizada em 1997.

Como observa Marina Maluf em seu livro “Os Ruídos da Memória,” a autora diz que:

“Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade nunca estamos sós.”¹⁴⁹
O que é lembrado o que é selecionado na memória para comprovar as lembranças demonstra que “a memória de uma pessoa está enlaçada à memória do grupo, que por sua vez está integrada à memória mais ampla da sociedade - a memória coletiva”.¹⁵⁰

Assim, de certa maneira ao selecionar algumas pessoas para a entrevista, é possível mesmo com uma amostragem relativamente pequena em relação ao número de habitantes que tinha a cidade de Lages na década de 40, poder reconhecer através das falas dos entrevistados, as relações sociais, as vivências da cidade.

Como observa Marina Maluf, “os registros individuais devem ser vistos como singulares recortes da memória coletiva, isto é, como uma forma de inserção específica em meios sociais mais abrangentes.”¹⁵¹

Na época em que seu João Rath, trabalhou na equipe que promovia “A voz da cidade” os aparelhos de rádio não eram comuns na cidade. Tinha locais específicos para que as pessoas pudessem ter acesso a um aparelho de rádio. Seu Jaime lembra que quando queriam ouvir algum noticiário tinham que ir ao Café Cruzeiro:

“Uma vez foi ali que eu escutei a primeira copa do mundo eu escutei num rádio naquele bar 1938 eu era piá ainda 10 anos. Então os esportistas e ali se ouvia também corrida de automóvel, me lembro que eles transmitiam corrida de automóvel ali no rádio. Um rádio grande Philco dessa altura mais ou menos (mostra com as mãos a altura do rádio), então escutava muito porque rádio nessa época também não era muito né, eram poucos os rádios que tinha na cidade.”

O rádio contribuiu para profundas transformações no cotidiano das pessoas, e acabava muitas vezes por aproximá-las como observa Nicolau Sevcenko, “partindo cada um

¹⁴⁹Maluf, Marina. Ruídos da Memória.

¹⁵⁰ Maluf, Marina. Ruídos da memória.

¹⁵¹Maluf, Marina. Ruídos da Memória.

*do seu isolamento real, se encontram todos nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética, nessa voz, sem corpo que sussurra suave, vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar (...) cada um põe naquela voz aliciante o rosto e o corpo dos seus sonhos.*¹⁵²

Seu Jaime lembra o que considera um fato muito curioso ter presenciado uma cena, em que um senhor que vinha na feira do mercado ficou muito admirado quando se deparou com um aparelho de rádio aqui na cidade:

*“Eu me lembro que uma vez eu ia passando, aliás estava parado na entrada do Hotel Sulamérica, Hotel Sulamérica é aquele prédio que fica em frente, ao lado do Banco do Brasil ali é um que tem umas lojas em baixo e tal ali era o Hotel Sulamérica e a entrada era pro outro lado, entrada de frente pra praça, e eu tava parado ali era dia de feira passou um caboclo ali e tava um rádio tocando uma música tocando lá em cima no fim da escadaria ele perguntou pra mim: “é isso aí que é rádio é” digo: “é, é rádio”, diz ele: “não conhecia” Isso deve ter sido lá por 1940”.*¹⁵³

Seu Cristóvão também se recorda rindo da primeira vez que as pessoas na sua comunidade puderam ver um aparelho de rádio:

*“Naquele tempo antigo, ninguém tinha rádio não existia mesmo né, ninguém sabia o que era rádio, tinha lá um vizinho um tal de Chico primeiro rádio que apareceu na Mortandade foi do Chico, filho de um fazendeiro então. O povo ficava lá quem uns bugres muito assustados aquela caixa conversando ali sem uma pessoa(ri muito) a gente via aquela caixa conversando mas não sabia como aquela caixa falava como que pegava né ficava muito admirado aquela caixa falando (ri muito) Era assim o tempo antigo né”.*¹⁵⁴

Ao buscar a fala de algumas pessoas sobre o cotidiano vivenciado em Lages, passa pelo que Jim Sharpe se referiu ao justificar a opção por se trabalhar com uma história vista

¹⁵²Sevcenko, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio, 3v. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵³Entrevista realizada em 1997.

¹⁵⁴Entrevista realizada em 1998.

de baixo ele diz que: “...a importância da história vista de baixo é mais importante do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido.”¹⁵⁵

Trabalhar com as memórias da cidade é também poder penetrar no cotidiano da vida destas pessoas que através de suas lembranças aqui cresceram, trabalharam, produziram, ajudaram a construir a cidade. É fazer e possibilitar que os entrevistados façam releituras do passado, assim como propõe Ecléia Bosi: “A experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador.”¹⁵⁶

Ao historiador também cabe refazer, no momento presente acontecimentos, vivências, chamando testemunhos de outras épocas para poder evocar e reconstruir o passado “Para este também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados.”¹⁵⁷

Como lembra Ecléia Bosi, que há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Certamente, que há

¹⁵⁵ Sharpe, Jim. A História Vista de Baixo. In: A Escrita da História Novas Perspectivas. Peter Burke (org.) São Paulo: UNESP, 1992.

¹⁵⁶ Bosi, Ecléia: Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁵⁷ Bosi, Ecléia: Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

distinções entre memória e história. “*Entretanto, se são distintos, arriscaríamos afirmar também que são inseparáveis*”.¹⁵⁸

É necessário reconhecer a importância dos registros de memória nos trabalhos historiográficos, muitas vezes grupos minoritários não dispõem de documentação escrita sobre sua história, na documentação oficial geralmente não aparecem.

Tem se então como uma possibilidade o trabalho com a história oral que permite não somente ouvir as versões, e os relatos daqueles que foram esquecidos pela história oficial, mas possibilita adentrar em narrativas cheias de vida, de luta por sobrevivência, permeada por conflitos e realizações. Permitir que “pessoas comuns”, trabalhadores, trabalhadoras, homens e mulheres relatem suas vidas e suas experiências. Como observa Paul Thompson, sobre a importância da História, diz que:

*“A história oral faz com que as pessoas idosas, muito freqüentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem.”*¹⁵⁹

Este autor lembra que : “ *A História Oral trata de vidas individuais e todas as vidas são interessantes, e baseia-se na fala e não na habilidade da escrita, muito mais exigente e restritiva.* ”¹⁶⁰

Nas entrevistas procurei estabelecer a temática cidade, mas praticamente todos os

¹⁵⁸ Montenegro, Antônio.

¹⁵⁹ Thompson, Paul. A Voz do Passado - História Oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.

¹⁶⁰ Thompson, Paul. A Voz do Passado - História Oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.

entrevistados falavam das suas profissões suas experiências das coisas que gostavam de fazer, ao lembrarem da cidade era possível perceber o sentimento de pertencimento àquela cidade, como se tivessem no passado seu referencial de cidadãos, “... o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam companheiros que sustentem as lembranças e já se dispersaram (...)”¹⁶¹

Muitos entrevistados ao reinterpretarem seu passado relembram de uma cidade que os acolhia, os reconhecia, o sentimento de pertencimento ao grupo de envolvimento na cidade que era também deles. Diante disso, Bosi coloca:

“...Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações dos espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas...” (1994, p. 147)

¹⁶¹ Bosi, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar neste momento de fazer as considerações finais, reporto-me a todo caminho percorrido até aqui. As pessoas que encontrei, as fontes pesquisadas, os acervos visitados, as idéias e projetos que foram revistos e se modificaram no decorrer desta pesquisa.

O trabalho do historiador pode ser comparado ao do tropeiro, encher as bruacas, os cargueiros e logo à frente, esvaziá-los para colocar novos elementos, que muitas vezes, são apenas indícios, pistas e interrogações. Precisando assim, refazer as “cargas” e rever as suas considerações.

A cidade de Lages, desde suas origens, desperta para um tema muito atraente. O desafio na elaboração desta pesquisa me fez perceber uma cidade de pluralidades, étnica cultural e econômica. Embora exista um discurso homogeneizador para os lageanos. No que diz respeito à identidade cultural, pude perceber que no processo de urbanização foram selecionadas memórias e estabelecidos projetos para a cidade.

As cidades podem ser vistas como espaços de disputas, de interesses contrários, de projetos dissonantes. Lages se constitui até meados da década de 40 como um ponto de referência para inúmeras famílias na região. Era em Lages que acontecia a troca ou compra de mantimentos.

As pessoas encontravam-se semanalmente para as feiras no Mercado Público. Esta atividade comercial foi por muitos anos fortalecida pelo fluxo de tropeiros que vinham de outras localidades. Eram aspectos da vida rural que ganhavam visibilidade na cidade.

Foram estes aspectos que estimularam os discursos urbanizadores que desejavam uma cidade com “ares de modernidade”. Estes embates entre a cidade que se tinha e a cidade que as elites desejavam constituir, transparecia através das colunas dos jornais. Definidas pela imprensa durante a década de 40.

Os projetos de urbanização para Lages pretendiam excluir do espaço público referências aos aspectos rurais. Como medidas para disciplinar o uso destes espaços que contribuiu para a idealização do morador da cidade.

A partir da década de 40, começa em Lages uma nova atividade econômica, a indústria madeireira, resultando no crescimento econômico e populacional da cidade. Este aspecto aconteceu também, com a elaboração de discursos associando a atividade econômica com a moderna. Contrapondo a pecuária, que se apresentava até então, como referência para o município.

A cidade de Lages durante a década de 40, recebeu a implantação do maquinário urbano, como rede de esgoto, instalação hidráulica, energia elétrica e simultaneamente a estas obras de urbanização, começou a ser pincelada na cidade a memória daqueles que a governavam com colocação de bustos em praças. Fazendo parte dos projetos de “modernização” da cidade, também, a remodelação destes espaços. As administrações públicas que governaram Lages quiseram imprimir suas marcas e símbolos, presentes ainda hoje. E que constantemente, a cidade é modificada, remodelada e idealizada.

Lages é uma cidade que foi urbanizada a menos de um século. Os sonhos de cidade

presentes nos discursos dos jornais se materializaram em suas ruas, esquinas e praças, definiram uma nova configuração espacial. Estas idealizações tinham em comum o fato de serem intitulados como símbolos de modernidade e procuravam demonstrar como a cidade deveria ser projetada para o futuro. Estes símbolos eram traduzidos pela perspectiva de desenvolvimento que a cidade iria alcançar, aspectos que eram interpretados como sinais de prosperidade. Lages durante a década de 40 foi motivação para estes discursos, que pretendiam a qualquer custo transparecer na fisionomia da cidade.

Hoje a cidade continua repetindo estes discursos, passados 50 anos a cidade continua existindo pelo que pode vir a ser, com elemento novo na memória de muitas pessoas, a cidade já foi promissora. Durante esta dissertação o que se mostrou foi a repetição do termo modernidade, aspecto que fazia parte do imaginário urbano durante a década de 40. Tudo que era realizado na cidade era fundamentado nestes discursos que pretendiam colocar a cidade nos parâmetros de outros centros urbanos do país, portanto modernizá-la.

Modernizar naquela perspectiva analisada, significava a substituição permanente de tudo o que lembrasse atraso, ou demonstrasse ares de provincianismo. Nas pranchetas, nos discursos e nas leis que idealizavam a cidade, estava presente também propostas de reeducar seus moradores. Era preciso construir novas práticas de morar na cidade.

Alguns sonhos foram concretizados. A população pobre que aumentava a cada ano as estatísticas, deveria integrar-se aos projetos de cidade que as elites defendiam, desocupando as ruas e praças e buscando auxílio nas casas de Assistência Social. Os projetos de urbanização para Lages pretendiam excluir do espaço público referências aos aspectos rurais. Com medidas para disciplinar o uso destes espaços que contribuiu para a idealização do

morador da cidade.

A partir da década de 40, começa em Lages uma nova atividade econômica, a indústria madeireira, resultando no crescimento econômico e populacional da cidade. Este aspecto contribuiu também, para a elaboração de discursos associando a nova atividade econômica como moderna. Contrapondo a pecuária, que se apresentava até então, como referência para o município.

A cidade de Lages durante a década de 40, recebeu a implantação do maquinário urbano, como rede de esgoto, instalação hidráulica, energia elétrica e simultaneamente a estas obras de urbanização, começou a ser pincelada na cidade a memória daqueles que a governavam com colocação de bustos em praças.

Fazendo parte dos projetos de “modernização” da cidade, também, a remodelação destes espaços. A cidade que se delineava, recebeu como guarnição de sua área central alguns personagens da vida política do município, aspecto que pretendia garantir a perpetuação da memória destes homens.

Embora os documentos que descrevem a cidade como, os jornais, as leis, as praças, as fotos, tivessem a intencionalidade de manter uma memória oficial das modificações que a cidade passou, foi a memória de quem viveu aquele período que garantiu reconhecer “várias cidades”, ou diferentes olhares sobre um mesmo tema. Suas lembranças e experiências vividas contribuíram para a realização desta pesquisa.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

1. Acervos:

Acervo Documental Cúria Diocesana de Lages

Acervo Documental Colégio Diocesano - Lages

Acervo Documental Prefeitura Municipal de Lages

Acervo Documental Museu Histórico Thiago de Castro – Lages

Acervo de Fotografias Museu Agostinho Malinverni – Lages

Acervo Documental Memorial Nereu Ramos – Lages

Acervo de Jornais Jornal Correio Lageano – Lages

2. Documentos:

2.a. Decretos e Leis da Prefeitura Municipal de Lages:

Várias Atas entre 1920 a 1970.

2.b. Fontes Orais: Depoimentos (entrevistas)

Zaira Wolff (Coxilha Rica) ; João Rath (Lages); Jaime Garbelotto (Lages);

Sebastião Furtado (Lages); Sebastião Costa (Lages) ; Cristovão Silva (Lages)

2.c. Jornais:

Guia Serrano, Lages várias edições entre 1937 e 1966.

Região Serrana, Lages várias edições entre 1940 e 1950.

Jornal da Serra, Lages várias edições entre 1940 e 1950.

Correio Lageano, Lages várias edições entre 1940 a 1970.

Jornal Catarinense Nº. 2034,12.07.58.

BIBLIOGRAFIA

1. RAMOS, Armando. **Passado e Presente**. Impresso na Gráfica ACS, 1988.
2. KONDER, Leandro. **Um Olhar Filosófico sobre a cidade**. In: *OLHARES SOBRE A CIDADE*. Org. Robert Pechman. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.79.
3. NEEDLELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
4. OLIVEM, Ruben G. **A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil – Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
5. WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade – Na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
6. PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
7. CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
8. MONTENEGRO, Antônio T. **História Oral e Memória: A Cultura Popular**

(revisada) São Paulo: Contexto, 1992, p. 9.

9. THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
10. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
11. CORADINI, Elisabeth. **Praça XV Espaço e Sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995, p. 13.
12. BENJAMIM, Walter. **“Por que o moderno envelhece tão rápido?”**
Concepção da Modernidade em Walter Benjamin, Berndt Witte, Sérgio Paulo Rouanet.
13. ARAÚJO, Hermetes R. **A Invenção do Litoral (Reformas Urbanas e Reajustamento Social em a partir da primeira metade do século XIX)**. São Paulo: PUC, 1989.
14. RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. **Da Cidade à Nação: Gênese e Evolução do Urbanismo no Brasil**. In: CIDADE, POVO E NAÇÃO. Luiz C. de Queiroz e Robert Pechman (organizadores). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
15. DIEGOLI, Leila R. **Arquitetura Oficial e o Estado Novo** (páginas 46-53). In: CIDADE, Ano 3, Set. 1996, São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico,

1996, p.136.

16. SERPA, Elio. **A Reformulação das Condutas e das Sociabilidades durante a Primeira República.** In: REVISTA DA MEMÓRIA, Fundação Cultural de Lages, 1996, p. 13-27.
17. PEDRO, Joana Mari. **Mulheres honestas e mulheres faladas uma questão de classe.** Florianópolis: UFSC, 1994.
18. CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUP, 1988 p. 14-20.
19. PEIXER, Zilma. **A Princesa da Serra.** In: REVISTA DA MEMÓRIA, Fundação Cultural de Lages, 1996, p. 49.
20. COSTA, Licurgo. **O Continente das Lages: Sua história e influência no Sertão da Terra firme.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982
21. CAMPOS, Cynthia Machado. **Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930 - 1945).** Dissertação Mestrado: História, São Paulo: PUC, 1992, p. 27.
22. PELUSO JÚNIOR, Victor A. **Lages, a Rainha da Serra.** Florianópolis: Anais do X congresso Brasileiro de Geografia, 1993.
23. _____ . **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina.**

Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

24. CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.17.
25. SHARPE, Jim. **A História Vista de Baixo**. In: A ESCRITA DA HISTÓRIA - NOVAS PERSPECTIVAS. Org. Peter Burke. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
26. THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
27. ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **A Catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição**. In: BH HORIZONTES HISTÓRICOS. Org. Eliana de Freitas Dutra. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.
28. CHACHAM, Vera. **A memória urbana entre o panorama e as ruínas. – A Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40**. In: BH HORIZONTES HISTÓRICOS. Org. Eliana de Freitas Dutra. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.
29. FARIA, Carlos A. Pimenta de. **A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social análise dos monumentos belorizontinos aos Inconfidentes**. In: BH HORIZONTES HISTÓRICOS. Org. Eliana de Freitas Dutra. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.

30. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
31. MARTINS, Ana Luiza. **A Invenção e/ou Eleição dos Símbolos Urbanos: História e Memória da Cidade Paulista**. In: IMAGENS DA CIDADE SÉCULOS XIX E XX. Org. Stella Bresciani.
32. BRESCIANI, Stella (org.) **Imagens da cidade: século XIX e XX**. São Paulo: Ed. Marco Zero/ANPUH, 1994.
33. MUNARIM, Antônio. **A práxis dos movimentos sociais na Região de Lages**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 1990.
34. KUPKA, Roselane. **Tensões e Imagens do Viver Urbano em Florianópolis – 1910/1930**. Dissertação de Mestrado, SÃO PAULO: PUC, 1993.
35. KONDER, Leandro. **Um Olhar Filosófico sobre a Cidade**. In: OLHARES SOBRE A CIDADE. Org. Robert Pechman, Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 79.
36. LINHARES, Maria Yedda. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **TERRA PROMETIDA - Uma História da Questão Agrária no Brasil**. Campus, p.119.
37. LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
38. BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

49. LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. SP (Campinas): Papius, 1986, p. 23.
40. DIEGOLI, Leila Regina. **Arquitetura Oficial e o Estado Novo**. (p.46-53) In: CIDADE, Ano 3 (set.) São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1996. p.136.
41. SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL – República da Belle Époque à Era do Rádio, 3v. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
42. THOMPSON, Paul . **A Voz do Passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.